



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS LAGO DA PEDRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS

ANITA LIMA DE MORAES
NAALANDA MARIA GONÇALVES COSTA

A REALIDADE SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA*: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO GÊNERO CARTA NOS ANOS FINAIS NO MUNICÍPIO DE LAGO DA PEDRA-MA

LAGO DA PEDRA – MA

2025

**ANITA LIMA DE MORAES
NAALANDA MARIA GONÇALVES COSTA**

A REALIDADE SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA*: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO GÊNERO CARTA NOS ANOS FINAIS NO MUNICÍPIO DE LAGO DA PEDRA-MA

Proposta pedagógica apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Ynnara Soares Reis

LAGO DA PEDRA – MA

2025

M827l Moraes, Anita Lima de.

A realidade social de crianças e jovens na obra Capitães de Areia de Jorge Amado : Uma proposta pedagógica do ensino de gênero carta nos anos finais no município de Lago da Pedra-MA / Anita Lima de Moraes; Naalanda Maria Gonçalves Costa – Lago da Pedra-MA, 2025.

00 f: il.

Proposta Pedagógica (Graduação em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Lago da Pedra, 2025.

Orientador: Prof^ª Ma. Ynnara Soares Reis

1. Capitães de Areia 2.Realidade Social 3.Carta Argumentativa de Reclamação 4.Prática Pedagógica
5. Literatura

CDU:376.011.3 -051:004

Elaborada por Poliana de Oliveira Ferreira CRB/13-702 MA

ANITA LIMA DE MORAES
NAALANDA MARIA GONÇALVES COSTA

A REALIDADE SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS NA OBRA *CAPITÃES DA AREIA*: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO GÊNERO CARTA NOS ANOS FINAIS NO MUNICÍPIO DE LAGO DA PEDRA-MA

Proposta pedagógica apresentada ao curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ma. Ynnara Soares Reis

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Ynnara Soares Reis (Orientadora)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Prof^a. Ma. Deyse Gabriely Machado Brito (Avaliadora)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

Prof^a. Dr. Waldemberg Araújo Bessa (Avaliador)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder força e sabedoria ao longo desta jornada desafiadora. À minha família, base de tudo em minha vida, pelo apoio incondicional em todos os momentos. Em especial ao meu pai, Luis Melo que, com tanta dedicação e disposição, enfrentava sol ou chuva para me levar e buscar na faculdade. À minha mãe, Antonia Eliane, minha fortaleza, que nunca deixou de acreditar em mim e me ofereceu palavras de incentivo mesmo nos momentos no qual pensei em desistir.

À minha orientadora, professora Ynnara Soares, minha profunda gratidão pela paciência, orientação e incentivo constante. Sua dedicação e compromisso com a formação acadêmica foram fundamentais para que este trabalho ganhasse forma e consistência.

Agradeço, com muito carinho, às minhas queridas colegas de curso Bárbara, Milena, Letícia, Maria Eduarda e Natália com quem compartilhei muitas alegrias, incertezas, e, sobretudo, companheirismo verdadeiro, que no qual deixou este curso ainda mais leve. A todos meus colegas de curso cuja convivência e parceria foram importantes nesse percurso.

E um agradecimento muito especial à minha parceira de produção, Naalanda Maria. Obrigada por ter aceitado esse desafio e compartilhando sua dedicação e sensibilidade, mesmo nos momentos de dificuldade e estresse. Sua companhia e amizade fez toda a diferença nessa caminhada acadêmica.

Expresso minha profunda gratidão também aos professores do curso, que, com sua sabedoria e compromisso com o ensino, foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Cada aula, orientação e cada palavra de incentivo deixaram marcas importantes na minha trajetória, e contribuíram significativamente para a construção deste trabalho e para a minha formação como profissional.

Agradeço, ainda, à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), instituição que me acolheu e proporcionou os recursos, os saberes e as experiências que tornaram possível a concretização deste sonho. A cada um e a cada uma que, de alguma forma, contribuiu para que esse sonho se tornasse realidade, o meu mais sincero muito obrigada.

Por fim, dedico este trabalho à minha mãe, mulher forte, guerreira e exemplo de superação. Foi ela quem, mesmo diante de tantas dificuldades, nunca deixou de acreditar no poder da educação e sempre fez questão de incentivar os filhos a estudarem, mesmo quando os

nossos recursos eram poucos e os caminhos difíceis. Durante todo o curso, foi sua força que me encorajou a evoluir e a seguir em frente quando pensei em desistir. Com todo o meu carinho e gratidão, te dedico esta conquista.

Anita Lima de Moraes

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua infinita bondade, por ser meu auxílio e minha fortaleza, por caminhar comigo e me capacitar durante todos esses anos. À Nossa Senhora e a São Miguel Arcanjo, a quem sempre pedi que intercedessem por mim na estrada durante todas as noites.

À minha mãe, minha guerreira, que, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos, nunca me deixou desacreditar do meu sonho. Sempre me disse que era, sim, possível estudar e conquistar todos os meus objetivos, me apoiando e me incentivando em todos os momentos.

Ao meu querido esposo, Elton, que acredita profundamente em mim, que me impulsiona a ser melhor, me apoia, cuida de mim, tem paciência e dedica seu tempo para me ajudar em tudo que preciso. Sem a sua ajuda, eu não conseguiria.

À minha companheira de trabalho, Anita, obrigada por toda a parceria, paciência e dedicação durante toda esta jornada.

Agradeço à nossa orientadora, professora Ynnara, que nos auxiliou de todas as formas possíveis, nos acalmou, incentivou e sempre deu o seu melhor. Muito obrigada.

A Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) por ter sido o espaço que possibilitou não apenas a construção deste trabalho, mas também a minha formação acadêmica e humana.

Às pessoas que a UEMA colocou em minha vida, Milena, Letícia, Eduarda, Natália e Bárbara. Sou muito feliz por ter conhecido vocês. Obrigada pela ajuda e por sempre me impulsionarem a continuar.

Ao meu avô, Vitor, que sempre me dizia que, com esforço, eu conseguiria chegar até o final.

E, por fim, gostaria de dedicar este trabalho à minha avó, Maria, que sonhava com este curso junto comigo, que sempre quis o melhor para seus filhos e netos. Que um dia eu consiga ser, ao menos, uma parte da mulher, católica e professora que a senhora foi.

Naalanda Maria Gonçalves Costa

*“Não possuímos direito maior e mais inalienável
do que o direito ao sonho. O único que nenhum
ditador pode reduzir ou exterminar”*

(Jorge Amado)

RESUMO

Este trabalho dialoga acerca da realidade social de crianças e jovens na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, investigando os temas abordados na obra, os quais ainda permeiam na sociedade atual, por meio de uma proposta pedagógica do ensino do gênero carta argumentativa de reclamação como instrumento formativo. O presente estudo tem como objetivo principal desenvolver uma proposta pedagógica baseada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, a partir de produções textuais de cartas argumentativas de reclamação no 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, no município de Lago da Pedra-MA. A pesquisa busca responder à seguinte pergunta: Como a aplicação do gênero carta argumentativa de reclamação pode contribuir para a reflexão crítica dos estudantes acerca da realidade social de crianças e jovens marginalizados, apresentada na obra *Capitães da Areia*? Mais especificamente este estudo busca: investigar a representação da infância marginalizada de crianças e jovens em situação de abandono e marginalização presentes na obra, destacando a realidade fictícia e atemporal; implementar uma sequência didática, que utilize o gênero carta argumentativa de reclamação como uma ferramenta para promover uma reflexão crítica e a produção textual dos estudantes; explorar o senso crítico dos estudantes diante da temática abordada, por meio das cartas produzidas como resposta às cartas presentes na obra de Jorge Amado. Esta pesquisa adota, na parte teórica, uma abordagem metodológica bibliográfica de caráter qualitativo. E, em nossas práticas, é configurada como uma pesquisa-ação com finalidade descritiva. Fundamentada a partir do referencial teórico de autores como: Bosi (1977); Duarte (1996); Coutinho (1997); Goldestein e Moritz (2009); Cândido (2006); Koche (2017); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004); Moisés (1967), entre outros. Os quais contribuíram significativamente para a análise da obra literária, a construção da proposta pedagógica e a abordagem do gênero carta argumentativa de reclamação. As análises realizadas por meio das produções dos discentes da turma selecionada reforçam a relevância da obra *Capitães da Areia* como instrumento para reflexões sobre questões sociais. Para além de tais questões, a proposta pedagógica por nós desenvolvida e aplicada demonstrou potencial para desenvolver o senso crítico dos estudantes e aperfeiçoar suas competências em leitura, argumentação e escrita. A análise realizada evidencia o papel da literatura na formação cidadã dos discentes, correlacionando as questões sociais e literárias à prática de leitura e escrita em sala de aula, como um conjunto fundamental para o desenvolvimento escolar.

PALAVRAS-CHAVE: *Capitães da Areia*; realidade social; carta argumentativa de reclamação; prática pedagógica; literatura.

ABSTRACT

This paper discusses the social reality of children and young people in the work *Captains of the Sands*, by Jorge Amado, investigating the themes addressed in the work, which still permeate today's society, through a pedagogical proposal for teaching the argumentative letter of complaint genre as a formative instrument. The main objective of this study is to develop a pedagogical proposal based on the work *Captains of the Sands*, by Jorge Amado, based on textual productions of argumentative letters of complaint in the 9th grade of the final years of Elementary School, in the city of Lago da Pedra-MA. The research seeks to answer the following question: How can the application of the argumentative letter of complaint genre contribute to the critical reflection of students about the social reality of marginalized children and young people, presented in the work *Captains of the Sands*? More specifically, this study seeks to: investigate the representation of the marginalized childhood of children and young people in situations of abandonment and marginalization present in the work, highlighting the fictional and timeless reality; implement a didactic sequence that uses the argumentative letter of complaint genre as a tool to promote critical reflection and textual production by students; explore students' critical sense regarding the topic addressed, through letters produced in response to the letters present in Jorge Amado's work. This research adopts, in its theoretical part, a qualitative bibliographic methodological approach. And, in our practices, it is configured as an action research with a descriptive purpose. Based on the theoretical framework of authors such as: Bosi (1977); Duarte (1996); Coutinho (1997); Goldestein and Moritz (2009); Cândido (2006); Koche (2017); Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004); Moisés (1967), among others. They contributed significantly to the analysis of the literary work, the construction of the pedagogical proposal and the approach to the argumentative letter of complaint genre. The analyses carried out through the productions of the students of the selected class reinforce the relevance of the work *Captains of the Sands* as an instrument for reflections on social issues. Furthermore, the pedagogical proposal developed and applied by us demonstrated potential to develop the critical sense of students and to improve their skills in reading, argumentation and writing. The analysis carried out highlights the role of literature in the civic education of students, correlating social and literary issues with the practice of reading and writing in the classroom, as a fundamental set for school development.

KEYWORDS: *Captains of the Sands*; Social reality; Argumentative letter of complaint; Pedagogical practice; Literature.

LISTA DE TABELAS E IMAGENS

Tabela 1: Atividades da sequência didática	37
Imagem 1: Esquema da sequência didática	36
Imagem 2: Carta do Dr. juiz de menores	48
Imagem 3: Carta do diretor do reformatório	50
Imagem 4: Carta destinada ao Dr. juiz de menores	52
Imagem 5: Carta destinada ao diretor do reformatório	55
Imagem 6: Segunda carta destinada ao Dr. juiz de menores	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A LITERATURA DE JORGE AMADO	15
2.1 A visão crítica sobre Jorge Amado e sua literatura	15
2.2 O romance como crítica à realidade brasileira	19
2.3 A obra: representação da infância marginalizada	22
2.4 A realidade viva de uma ficção atemporal	27
3 A METODOLOGIA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA	30
3.1 Caracterização da pesquisa	30
3.2 Pesquisa-ação	31
3.3 Contexto e elementos da análise	33
3.4 Sequência didática Fundamentos teóricos	34
3.5 Proposta de intervenção e metodologia aplicada	37
4. GÊNERO TEXTUAL CARTA NA SALA DE AULA	42
4.1 A carta argumentativa de reclamação	42
4.2 Um aspecto geral	45
4.3 Análise detalhada das cartas produzidas	51
4.4 Análise da carta destinada ao juiz de menores	53
4.5 Análise da carta destinada ao diretor do reformatório	56
4.6 Análise da segunda carta destinada ao juiz de menores	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXOS	68

1 INTRODUÇÃO

A literatura sempre teve um papel importante na formação do pensamento crítico e reflexivo, bem como na educação cidadã das pessoas. No Brasil, obras como *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, ultrapassam o caráter estético e narrativo para denunciar desigualdades históricas e sociais ainda vigentes. Publicado em 1937, o romance mostra de forma marcante a dura realidade de crianças e jovens que vivem abandonados, marginalizados e invisíveis para a sociedade. A história fictícia se conecta com a vida real ao abordar temas que ainda são comuns nas grandes cidades brasileiras, como a exclusão social, a falta de atenção do Estado e a luta por respeito e dignidade.

É perceptível em muitas pesquisas, como apresentaremos à frente, que a exclusão de jovens em situações de vulnerabilidade é uma das manifestações mais claras das desigualdades sociais no Brasil. Embora tenham acontecido notáveis progressos no que se refere às legislações nas últimas décadas, como é o caso da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), muitas crianças no Brasil permanecem vulneráveis à violência, abandono e à carência de políticas públicas eficazes. A pobreza, a desnutrição, a dificuldade de acesso à educação e à saúde, junto com o abandono familiar, criam um ambiente que prejudica o desenvolvimento humano de milhares de jovens, muitas vezes os colocando à margem da sociedade.

O contexto descrito não é um fenômeno novo. Possui origens profundas em processos históricos de desigualdade social, que continuam ao longo do tempo e se manifestam em várias formas de exclusão. Crianças em situação de vulnerabilidade frequentemente são ignoradas, vistas de forma negativa e estereotipadas desde muito cedo. Ao invés de serem protegidas e terem seus direitos, acabam enfrentando repressão e sofrendo abandono. Mesmo quando esses problemas são abordados na mídia, frequentemente são discutidos de maneira superficial, sem uma análise aprofundada dos fatores estruturais que os geram.

O presente estudo tem como objetivo principal desenvolver uma proposta pedagógica baseada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, a partir de produções textuais de cartas argumentativas de reclamação no 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, no município de Lago da Pedra - Ma. Para alcançar nosso objetivo, nos direcionamos pela seguinte pergunta de pesquisa: Como a aplicação do gênero carta argumentativa de reclamação pode contribuir para a reflexão crítica dos estudantes acerca da realidade social de crianças e jovens marginalizados, apresentada na obra *Capitães da Areia*?

A partir da pergunta de pesquisa, podemos levantar a seguinte hipótese: a realização de uma sequência didática com base no gênero carta argumentativa de reclamação pode favorecer o desenvolvimento de habilidades de escrita e argumentação dos estudantes, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão crítica sobre as questões sociais retratadas na obra *Capitães da Areia* e na realidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e questionadores.

Para confirmar ou refutar a hipótese anterior, responder à nossa pergunta de pesquisa e aos demais questionamentos que surgem ao longo do estudo, elencamos nossos objetivos específicos: investigar a representação da infância marginalizada de crianças e jovens em situação de abandono e marginalização presentes na obra, destacando a realidade fictícia e atemporal; implementar uma sequência didática, que utilize o gênero carta argumentativa de reclamação como uma ferramenta para promover uma reflexão crítica e a produção textual dos estudantes; explorar o senso crítico dos estudantes diante da temática abordada, por meio das cartas produzidas como resposta às cartas presentes na obra de Jorge Amado.

Considerando tais fatores, este estudo organiza-se metodologicamente por meio de algumas etapas. A primeira delas foi uma pesquisa bibliográfica que nos trouxe base teórica. Realizamos também uma pesquisa-ação, na escola U. I. Rei Davi localizada no município de Lago da Pedra - MA, a qual consistiu em propor e executar uma sequência didática para o ensino do gênero carta argumentativa de reclamação para os alunos do 9º ano dos anos finais do Ensino Fundamental, partindo das cartas apresentadas em *Capitães da Areia* (Jorge Amado, 1937). E, por fim, dissertação e análise crítica das cartas coletadas, partindo do caráter qualitativo da pesquisa, considerando os objetivos anteriormente levantados.

Relacionaremos assim a leitura literária, o trabalho com a temática social e o ensino de gêneros textuais. Incentivando a escrita de cartas com base em conflitos sociais percebidos durante a leitura, a proposta visa incentivar a prática da argumentação como um exercício de cidadania, permitindo que os discentes identifiquem problemas sociais e adotem uma postura crítica diante deles.

A escolha do gênero textual carta argumentativa de reclamação fundamenta-se em sua relevância social, visto que se trata de um tipo de texto utilizado para manifestar descontentamento ou reivindicar direitos diante de situações injustas. Dessa forma, a prática desse gênero, em conjunto com a leitura literária crítica, oferece aos estudantes a chance de

desenvolver habilidades linguísticas e argumentativas ao mesmo tempo em que exercitam a leitura da realidade social que os cerca.

A fundamentação teórica é apoiada em estudiosos como Bosi (1977); Duarte (1996); Coutinho (1997); Goldestein e Moritz (2009); Moisés (1967); Cândido (2006), os quais oferecem base para a análise da obra *Capitães da Areia*, destacando sua relevância histórica, literária e social. Autores como Koche (2017) e Marcuschi (2009) tratando da teoria do gênero textual, mais especificamente a carta argumentativa de reclamação. Bem como Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) envolvendo a proposta de sequência didática para o ensino de gêneros textuais.

A partir dos citados e dos demais autores que estão dispostos ao longo de nosso texto, foi possível elaborar uma proposta pedagógica que articula leitura literária e produção escrita com foco na realidade social retratada na obra. As análises das produções dos estudantes visam revelar os avanços na capacidade argumentativa, na compreensão do gênero textual abordado e na percepção crítica das desigualdades sociais destacadas na obra.

2 A LITERATURA DE JORGE AMADO

Neste capítulo, será abordada a relevância de Jorge Amado, evidenciando sua contribuição tanto para a literatura brasileira quanto para o cenário internacional. Inicialmente, será apresentado um recorte sobre a vida e a obra do autor, considerando toda a sua trajetória e o contexto histórico no qual estava inserido ao produzir sua escrita. Discutiremos o papel do romance como instrumento de crítica social no Brasil, especialmente durante o período do Romance de 30.

Por fim, trataremos a respeito da obra *Capitães da Areia*, com ênfase na representação da infância marginalizada, investigando como Jorge Amado retrata a realidade social, econômica e política da época por meio de seus personagens. Nesse contexto, será estabelecido um diálogo entre a ficção do autor e as estatísticas contemporâneas, refletindo sobre as permanências e transformações nas condições de marginalização infantil no Brasil. Tais considerações constituirão a base para nossa análise.

2.1 A visão crítica sobre Jorge Amado e sua literatura

Jorge Amado, um dos mais renomados escritores brasileiros do século XX, nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia, e faleceu em 6 de agosto de 2001, na cidade de Salvador, Bahia. Com apenas 19 anos, lançou sua primeira obra, *O País do Carnaval* (1931). Entre suas obras mais conhecidas estão *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937). Por meio de sua produção o autor alcançou reconhecimento não apenas no Brasil, mas também internacionalmente.

Durante sua trajetória, suas obras foram traduzidas para mais de 49 idiomas, atingindo leitores de diferentes culturas e faixas etárias. Sua escrita explorava temas universais que criavam conexões entre pessoas de diversos lugares e contextos. A influência de sua literatura ultrapassou fronteiras e continua sendo estudada e apreciada mundialmente. O autor recebeu honrarias internacionais, além de prêmios nacionais bem reconhecidos como o Jabuti, o prêmio nacional de romance e o prêmio Graça Aranha.

Posto isso, Junior (2008) salienta que como jornalista e colaborador assíduo de periódicos, Jorge Amado produziu mais de uma centena de artigos sobre os mais diversos temas. E que o escritor também desempenhou importantes papéis no universo intelectual, atuando como crítico, prefaciador e ocupante da 23ª cadeira na Academia Brasileira de Letras

(ABL). Sua obra foi amplamente adaptada para a televisão, o autor recebeu incontáveis homenagens e participou de conferências internacionais, onde se destacou como embaixador simbólico do Brasil.

Todas essas contribuições fizeram dele não apenas um grande formador de opinião, mas também um homem público cujas ideias ecoaram por várias regiões do Brasil e do mundo, alcançando diferentes segmentos da população. Dessa forma, a influência de Jorge Amado ultrapassou o âmbito literário, alcançando áreas como a cultura, a política e até mesmo a diplomacia. Por meio de sua escrita e do engajamento com questões sociais, o autor consolidou sua posição como um dos principais representantes da literatura nacional e da diversidade cultural do país.

Acerca da literatura de Jorge Amado, é consenso entre críticos e leitores que ela possui grande relevância no cenário literário brasileiro. Destaca-se pela intensa reflexão sobre aspectos sociais, pelo regionalismo marcante, por não se omitir diante de questões políticas referentes às classes populares. A partir disso, Bosi (1977) afirma que o escritor retrata personagens marginalizados, como pescadores e marinheiros, e que suas narrativas frequentemente abordam aspectos políticos, enriquecendo-as com maior profundidade.

Suas obras refletem traços marcantes da geração de 30 do modernismo brasileiro. Destacando-se pela abordagem de temas sociopolíticos e pelo neorregionalismo característico, que apresentam traços realistas, críticas sociais, que expõem as desigualdades, injustiças e preconceitos, além de retratar personagens marginalizados e explorados pela sociedade. Nesse entendimento, Swarnakar, Figueiredo e Germano (2014) também argumentam que:

Amado é o escritor brasileiro mais traduzido e a figura literária que moldou a recepção da literatura brasileira no mundo. Por um lado, ele é o escritor mais popular do Brasil dentro e fora do Brasil, mas por outro lado ele também é o escritor brasileiro mais polêmico. Portanto, sua recepção é mista. Para alguns ele é uma fonte fascinante de informações sobre a sociedade brasileira, um embaixador da cultura brasileira, mas para outros ele é um populista com a agenda política, um escritor cujo texto apresenta abundância do sexual e sensual como ele retrata mulher (Swarnakar, Figueiredo e Germano, 2014, p. 8).

Diante dessa afirmação é possível compreender que há uma controvérsia estabelecida acerca do escritor, pois de um lado ele é aclamado por apresentar uma linguagem mais acessível, além de sua capacidade de representar as camadas mais populares em suas obras. Entretanto, há apontamentos críticos a sua abordagem, que, embora sua representação das

camadas populares seja autêntica, ela pode, em alguns casos, reforçar visões estereotipadas, limitando interpretações mais amplas.

Além do mais, Duarte (1996) destaca que Jorge Amado foi objeto de uma recepção crítica bastante diversa e polêmica. Desde o princípio, seus romances suscitaram reações extremamente distintas, indo de um entusiasmo fervoroso até uma rejeição contundente. Dessa forma, enquanto algumas pessoas admiravam muito seus livros, elogiando seu compromisso com as causas populares e a forma envolvente de contar histórias, outras criticavam duramente seu estilo ou seu engajamento político.

Jorge Amado carrega uma grande bagagem política, que reflete até em suas obras. “Hoje é fácil elogiar Jorge Amado, mas não se deve esquecer que em outros tempos isso levaria à cadeia, da mesma maneira como o escritor baiano foi parar na prisão pelas ideias que sempre defendeu” (Goldstein, 2008, p. 74). Devido ao seu ativismo político, Jorge Amado sofreu represálias do regime autoritário, chegando a ser preso e a ter seus livros censurados, por suas obras frequentemente abordarem temas profundos, que refletiam claramente seu pensamento político.

É importante salientar que o escritor não foi preso apenas em uma ocasião. Nos anos 1936 Jorge Amado chegou a ser detido pela primeira vez após ser acusado de participar da chamada “Intentona Comunista”, uma tentativa de golpe contra o governo de Vargas, no qual não apenas ele, mas muitos intelectuais também estavam envolvidos. Amado foi preso novamente em 1937, devido à repressão política do estado novo, nesse período o autor viajou pelo Brasil, América Latina e EUA, até voltar e ser capturado.

Ainda na política, o escritor teve atuação marcante. Em 1945, foi eleito deputado federal por São Paulo pelo partido comunista brasileiro e participou da assembleia constituinte de 1946. Durante o regime militar, precisou viver no exílio, passando por lugares como: Argentina, Uruguai, Paris e Praga.

O escritor, passa a usar a literatura como uma forma de denúncia e transformação social, se tornando assim uma voz importante da resistência intelectual no Brasil. Suas obras iam além da ficção, retratavam de maneira impactante as desigualdades sociais, as lutas do povo e as contradições que ocorriam no país naquela época. É possível perceber que o autor usava o poder das palavras como um meio de mudança, o que fica claro nos personagens que criou, muitos deles pertencentes a grupos marginalizados, como pescadores, prostitutas, crianças de rua e

membros da classe trabalhadora. Segundo Candido (2006, p. 52), sua ficção “dá voz a personagens que normalmente estariam condenados ao silêncio”, resultando em uma inclusão dos excluídos sociais na literatura nacional.

Durante essa fase de Jorge Amado, o principal destaque foi para o chamado “romance proletário” que para o escritor era “[...] sua arte dando vida a uma escrita de forte inspiração soviética[...].” (Goldstein; Schwarcz, 2009, p. 25). Com isso, esse tipo de romance trazia histórias que davam voz a pessoas comuns, aquelas que quase nunca apareciam na literatura tradicional. Era uma narrativa intensa e envolvente e cheia de emoção, com a intenção de fazer o leitor enxergar o mundo de uma forma diferente. Ademais, o escritor desejava trazer para o meio literário uma linguagem mais coloquial:

Não bastava trazer o povo, o proletário para o centro da ação romanesca; urgia fazê-lo falar da forma mais natural possível, numa linguagem tão “nova” quanto “verdadeira”, em que a dureza da “língua errada do povo” equivallesse, de modo isônomico e verossímil, à igual dureza das situações retratadas, para atingir, assim, a representação na narrativa. Tudo isto decorre da meta principal de escrever para o povo, abordando seus problemas a partir de suas próprias formas de expressão para assim tê-lo como leitor. Impunha-se, pois, renovar profundamente a linguagem literária para que esta dessa conta da meta revolucionária a que se propunha o romance (Bezerra, 1996, p. 12).

Em virtude disso, é entendido que o autor não queria colocar apenas o “povo” como personagem principal dos romances, mas era necessário ir além e fazer com que esse “povo” também falasse do seu próprio jeito, com a linguagem que realmente usa no dia a dia. Tal forma de falar do não era um defeito para Jorge Amado, mas sim uma ferramenta fundamental para retratar com realismo e força as dificuldades e lutas sociais. Ao usar essa linguagem, o escritor estaria se aproximando mais do seu público. A intenção era escrever livros que fossem não só sobre as classes mais baixas da sociedade, mas também para elas, de maneira que pudessem se identificar, entender e se ver representadas.

O autor consegue reunir em suas obras críticas sociais, uma riqueza técnica na sua escrita, mas tudo isso em uma linguagem acessível, alcançando todas as camadas da população. Suas produções traduzem a cultura brasileira de forma profunda através de seus romances, favorecendo ao leitor uma visão crítica da realidade do país. Sua escrita transcende o localismo ao tratar de temáticas universais como a injustiça social, a desigualdade, preconceito racial, pobreza, afirmando-se como uma das vozes mais representativas da literatura do país (Duarte, 1996).

Por ter vivido e nascido na Bahia, Jorge vai retratar bastante em seus romances o elemento regionalista. Pois “Jorge se inclui no que, a grosso modo, é chamado de o romance de matéria nordestina” (Coutinho, 1997, p. 364). Ou seja, ele usou esse tipo de literatura para se concentrar nas particularidades do Nordeste, sua geografia, sua linguagem, seus costumes e suas lutas. Para assim mostrar que suas obras estão profundamente ligadas às suas origens e contribuir para dar visibilidade à realidade nordestina dentro da literatura brasileira.

Portanto, o regionalismo era um tipo de literatura que o escritor usava como forma de buscar representar com precisão a realidade de determinada região específica do país. Sua produção literária caracteriza-se por um realismo fundamentado na observação da realidade. Contudo, esse realismo também incorporava elementos de sincretismo e misticismo, abrindo espaço para a dimensão mítico-folclórica. Buscava capturar a essência da vivência das pessoas, incluindo crenças, tradições e o imaginário cultural que permeiam as regiões retratadas em suas obras.

2.2 O romance como crítica a realidade brasileira

O conceito de romance tem raízes etimológicas no latim *romanice*, que significa em “língua românica” e evoluiu através do provençal *romans*. Ao longo da história, o termo foi empregado para caracterizar dois tipos distintos de produções literárias. Inicialmente, o romance designava narrativas poéticas de cunho histórico ou lírico, transmitidas oralmente e, na maioria dos casos, sem autoria definida. Com o tempo, a palavra passou a ser utilizada para identificar um gênero literário específico, estruturado em prosa e caracterizado por narrativas extensas que exploram temas variados, incluindo relações humanas, conflitos sociais e desenvolvimento psicológico dos personagens.

Por meio disso, “A palavra “romance” remonta, pois, a vários séculos. Não assim a forma literária, em prosa, que veio a revestir. O romance surge, como o entendemos hoje em dia, nos meados do século XVIII [...]” (Moisés, 1967, p. 158). Assim, o termo romance tem uma história longa, que começa muitos séculos antes de virar o gênero literário em prosa que conhecemos hoje. A palavra já existia há bastante tempo, mas só passou a ser associada a esse tipo de literatura a partir do século XVIII, com o surgimento do Romantismo. Esse movimento cultural trouxe uma nova forma de contar histórias, dando mais destaque às emoções, à subjetividade e ao indivíduo como protagonista. Ademais o teórico ainda argumenta que:

O falar romance passou a designar, no curso da Idade Média, as línguas dos povos sob domínio romano, em lenta mas inexorável autonomização. Com o tempo, a expressão passou a indicar a linguagem do povo em contraste com a dos eruditos. Mais adiante, acabou rotulando as composições literárias de cunho popular, folclórico. E, como estas fossem de caráter imaginativo e fantasista, a expressão prestava-se para nomear narrativas em prosa e verso. No primeiro caso, situam-se os impropriamente chamados romances de cavalaria de larga e intensa voga durante os séculos medievais. A mesma classificação se atribuía aos poemas narrativos em torno das proezas dos cavaleiros andantes, ou de temas amorosos, épicos, moralistas, satíricos etc (Op. Cit., p. 157).

Essa trajetória revela como o gênero romance esteve ligado à expressão das emoções e experiências humanas, evoluindo das cantigas medievais para as complexas formas narrativas atuais, mas mantendo seu núcleo de contar histórias. Cabe destacar, portanto, que a definição de romance abrange diversas interpretações, sendo um termo fundamental tanto na literatura quanto na linguística e nas relações humanas.

Na literatura, refere-se a um gênero narrativo extenso e estruturado em prosa, caracterizado pelo aprofundamento de personagens e pela construção de tramas envolventes que exploram temas sociais, psicológicos e históricos. Já na linguística, o termo está diretamente associado às línguas românicas, derivadas do latim vulgar, refletindo transformações linguísticas ao longo dos séculos.

Dessa maneira, “O romance” é inicialmente um modo de expressão, um “falar” (encontrado nas chamadas “línguas românicas”), antes de ser um tipo de obra” (Stalloni, 2001, p. 92). A partir do momento em que essas línguas se consolidaram, o romance passou a designar também um tipo específico de narrativa, geralmente extensa e centrada no desenvolvimento de personagens, tramas e contextos sociais. Assim, a fala ou melhor, a língua falada está na origem do romance tanto no sentido linguístico quanto no sentido literário.

O romance também se destaca no âmbito das relações humanas, no qual assume um significado mais subjetivo, relacionado às interações afetivas e emocionais entre indivíduos. Com a ascensão do Romantismo, essa estrutura narrativa ganhou contornos modernos, tornando-se um dos gêneros literários mais populares. Desde então o romance se expandiu para diversos subgêneros.

Contudo, a partir da década de 1930, o romance brasileiro começou a seguir um novo caminho. Mesmo continuando a explorar as relações humanas, passou a dar mais importância às questões sociais, políticas e econômicas que influenciam essas relações. No Romance de 30, o foco desloca-se da intimidade sentimental do indivíduo romântico para os conflitos concretos

vividos pelas populações marginalizadas como sertanejos, trabalhadores rurais, destacando assim o romance de cunho regionalista.

A Revolução de 1930 foi um marco na história do Brasil, não apenas no campo político e econômico, mas também na cultura. Esse período trouxe mudanças significativas na produção artística e intelectual do país, impulsionando novas formas de expressão e consolidando movimentos culturais que já vinham se desenvolvendo. Por meio disso, Candido (1989) salienta que a revolução de 1930 unificou e reorganizou a cultura brasileira, transformando elementos dispersos em uma nova identidade cultural. Foi um marco que diferenciou claramente o período anterior do posterior.

Assim, podemos entender que a Revolução de 1930 criou um ambiente que favoreceu o desenvolvimento de uma identidade nacional mais forte e consciente de suas diversas origens. Essa nova postura cultural buscava, ao mesmo tempo, valorizar as características de cada região e criar uma imagem de unidade do país. Movimentos artísticos que antes ficavam mais restritos aos círculos intelectuais das cidades, como o Modernismo, passaram a ganhar mais destaque e a abordar temas sociais, políticos e populares.

Isso refletia o surgimento de uma nova sensibilidade estética, mais conectada à realidade brasileira. A partir daí, começaram a surgir iniciativas para valorizar o folclore, a cultura popular e as manifestações artísticas de diferentes regiões, reconhecendo esses elementos como partes importantes e legítimas da cultura do Brasil. Nesse contexto, intelectuais e artistas passaram a atuar como intermediários entre o governo e a sociedade, ajudando a criar uma identidade nacional que refletisse as mudanças econômicas, sociais e políticas que estavam acontecendo.

Portanto, o modernismo da segunda fase, trouxe uma abordagem mais voltada para o aspecto social e nacionalista, mostrando preocupação com a identidade do povo brasileiro e com as desigualdades presentes no país. É nessa fase que o romance de 30 se destaca (1930-1945), período em que o Brasil estava passando por mudanças sociais e políticas, impactadas por acontecimentos da segunda guerra mundial e da ditadura de Vargas.

Conforme afirma Duarte (1996, p. 19) “no Brasil, em cuja História, a Literatura e a política andaram quase sempre de mãos dadas, este é o momento em que muitos escritores começam a querer dar as mãos aos operários”. Diante disso, os escritores já não se colocavam como apenas observadores distantes, mas se colocavam como pessoas que se comprometiam com a realidade que narravam, revelando as estruturas de dominação que sustentavam a desigualdade no país. Destacam-se como alguns de muitos romances e autores dessa fase: A

Bagaceira (1928), de José Américo de Almeida, *O Quinze* (1930), de Raquel de Queiroz, *Vidas Secas* (1938) de Graciliano Ramos, e *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado.

Ao longo deste período o regionalismo ganhou importância, trazendo nas obras características de diversas regiões do país, especialmente de regiões nordestinas: “A região nordestina prestava-se à maravilha para a valorização das tradições culturais, daí a força com que o movimento regionalista se difundiu por toda a região, da Bahia ao Ceará e mais ao Norte” (Coutinho, 1997, p. 278). Dessa forma, podemos compreender que o Nordeste brasileiro, com sua abundante tradição cultural, histórica e popular, tornou-se um terreno fértil para o avanço de um regionalismo literário vigoroso.

A partir disso, nasce nesse mesmo período o romance proletário. Inspirado pelos ideais modernistas de construção de uma identidade nacional, o romance proletário trouxe uma abordagem inovadora ao acrescentar uma missão essencial: amplificar as vozes dos pobres e oprimidos, pessoas até então silenciadas. “Um tipo de romance que, antes de qualquer coisa, devia retratar o universo existencial dos grupos mais baixos na hierarquia social [...]” (Schwarcz; Goldstein, 2009, p. 25). Com esse novo propósito, a narrativa destacou a realidade das classes marginalizadas, ampliando o espaço para histórias que raramente recebiam atenção nos círculos literários tradicionais.

Além disso, Candido (1965) aponta que a prosa, mais amadurecida e autônoma, ganha força no romance e no conto, que passam por uma de suas fases mais produtivas. O romance, influenciado pelo Neo-naturalismo e por elementos da cultura popular, passa a retratar os conflitos presentes em características marcantes do Brasil, como a decadência da aristocracia rural e a formação do proletariado. Assim o romance começou a abordar temas como a decadência da aristocracia rural, que antes tinha grande poder na economia e na política. Com as mudanças que aconteceram no país, essa aristocracia começou a perder sua influência. Ao mesmo tempo, a literatura também acompanhou o crescimento do proletariado, destacando as dificuldades e as lutas da classe trabalhadora que estava surgindo.

2.3 A obra: representação da infância marginalizada

Escrita em 1937, *Capitães da Areia* de Jorge Amado, trata-se de um romance urbano, com uma temática bastante realista, ao retratar questões sociais que ainda ocorrem na nossa sociedade, especialmente se tratando de crianças em situação de rua. O nome do livro faz

menção ao bando de meninos que eram denominados assim, o título em si “*Capitães*” reflete na ideia de serem oprimidos, mas apresentados como verdadeiros heróis. Segundo Goldstein e Moritz (2009), as crianças abandonadas em *Capitães da Areia* buscavam nas ruas a vivência da liberdade e na união do grupo, formas de recuperar os bens e os afetos que a condição de órfãos lhes havia negado.

Ademais, Rossi (2009) salienta que essa orfandade ia além da esfera familiar, pois também representava o abandono por parte das instituições e do Estado, que as enxergavam apenas como uma ameaça à ordem pública. A obra revela, de maneira sutil, a dura realidade enfrentada por essas crianças e jovens, e os abusos que eles sofriam nos reformatórios, pelas autoridades e pela sociedade, mas que nas ruas encontravam a liberdade. Jorge Amado vê essas crianças e não apenas como infratores, mas como vítimas de opressão.

Por trás das ações de cada um, existem histórias de abandono e descaso, resultado da falta de políticas sociais adequadas que deveriam protegê-los e apoiá-los ao invés de serem estigmatizados. Amado, portanto, desmistifica a visão estereotipada e desconstruída sobre esses meninos e destaca a importância de reconhecer essas vidas negligenciadas e a urgência de oferecer a elas a atenção que merecem.

Em situação de abandono, essas crianças e jovens enfrentam uma realidade repleta de dificuldades, como retratadas no livro. A marginalização e o preconceito são consequências diretas da desigualdade social, que gera miséria e criminalização na infância que, ao invés de buscar soluções eficazes para ajudar essas crianças e jovens a superarem suas adversidades. As autoridades governamentais optam por medidas punitivas, que intensificam a revolta e mantêm esses meninos à margem da criminalidade.

O personagem Pedro Bala, como protagonista, destaca-se por estar sempre à frente do bando resolvendo todas as situações e por conta de seu temperamento de líder, acaba sofrendo formas cruéis de repressão. Conforme (Duarte, 1996, p. 115) relata “A violência, elemento caro ao *roman-feuilleton*, decorre do quadro de enfrentamento social vivido pelo protagonista e seu grupo”. Diante dessa realidade, a violência passa a ser não só um meio de sobrevivência, mas também uma manifestação da resistência contra a opressão. Os jovens, vivendo em um ambiente de exclusão e marginalização, empregam a violência como uma forma de reação às injustiças que enfrentam a cada dia.

Nessa perspectiva, Jorge Amado traz ao leitor uma reflexão sensível e ao mesmo tempo forte sobre as causas da violência entre os jovens e crianças. Em *Capitães da Areia*, não se trata de glorificar a violência, mas de compreender suas raízes e consequências. O autor cria personagens que, antes de serem considerados criminosos, são apresentados como crianças feridas e desamparadas, que recorrem à resistência frequentemente de maneira violenta como uma maneira de afirmar sua existência em um lugar que os rejeita. Com isso, o escritor dá início à obra, enfatizando esse aspecto:

Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não tem moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo jus a uma imediata providência do juiz de menores e do dr. Chefe de polícia. [...] Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a cem crianças das mais diversas idades, indo desde os oito aos dezesseis anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa [...] (Amado, 2009, p. 9).

Por meio disso, evidencia-se com clareza a maneira como a sociedade da época enxergava as crianças em situação de rua. Através do tom satírico utilizado por Jorge Amado, nota-se a frieza e a rigidez da narrativa jornalística que, em vez de reconhecer essas crianças como indivíduos em desenvolvimento, marcados por experiências de abandono, sofrimento e pobreza, optava por vê-las apenas como criminosos, representando um risco para a ordem pública. Dessa maneira, Amado incita o leitor a enxergar além do lugar-comum, a entender que, sob as aparências atribuídas a "pequenos perigosos", existem crianças e adolescentes que carecem de amor, de atenção e de direitos fundamentais, como alimentação, ensino e abrigo.

É discorrido sobre o abandono e a vida nas ruas, disposto nos seguintes termos: “A cidade crescia, cheia de luzes, cheia de automóveis, cheia de mulheres bem-vestidas e homens importantes. E eles, os *capitães da areia*, cresciam também. Mas à margem, como se fossem marginais da própria vida” (Amado, 2008, p. 15). O autor utiliza a metáfora para destacar que enquanto a cidade se modernizava, iluminando suas ruas e adornando suas vitrines com símbolos do progresso capitalista, os *Capitães da Areia* crescem à margem, invisíveis aos olhos de uma sociedade.

Jorge Amado ainda evidencia a realidade cruel a qual as crianças e jovens eram submetidas pelo poder estatal: “E os menores eram levados para o Reformatório. E lá eram espancados, tratados como criminosos, como feras perigosas. Quando saíam, não eram mais meninos. Eram marginais para sempre” (Amado, 2008, p. 32). Os reformatórios, que em teoria

deveriam servir como ambientes para reabilitação e reintegração social, são descritos na obra como lugares de violência sistemática, onde os jovens enfrentavam métodos severos de castigos.

Ao longo da narrativa, Jorge Amado intensifica a visão crítica dos personagens em relação à estrutura social que os exclui. Progressivamente, os *Capitães da Areia* vão adquirindo uma percepção sobre a marginalização que lhes é determinada, percebendo que, na lógica capitalista e elitista que estrutura a cidade, suas vidas não têm lugar. Essa percepção dolorosa é retratada de forma impactante em um trecho do livro: “A cidade pertencia aos ricos. Os meninos sabiam disso. Não havia um lugar para eles no mundo dos homens de paletó e gravata” (Amado, 2008, p. 45). Assim, ele destaca que a exclusão é vista como resultado não apenas de fatalidades individuais, mas também de um sistema estruturado que concentra riqueza e oportunidades nas mãos de poucos, enquanto torna uma grande parcela da população invisível e abandonada.

Em um dos trechos mais marcantes da obra, o narrador afirma que: “Sem-Pernas sorria... E, nesse sorriso, estava toda a amargura da sua vida de rejeitado. Ele sabia que a bala do policial não matava um ladrão, mas um menino que nunca teve mãe, escola, comida” (Amado, 2008, p. 146). O sorriso irônico do personagem é repleto de resignação e tristeza, sintetiza as dificuldades de uma vida cuja infância é interrompida muito cedo pela violência e indiferença social.

Apesar dos inúmeros conflitos e das duras condições de vida retratadas ao longo da obra, o escritor separa espaço para momentos de lirismo e ternura, como no capítulo intitulado “As luzes do carrossel”. Nesse trecho, o autor evidencia uma breve suspensão da dura realidade. Ao narrar a cena em que os meninos se entregam à alegria simples de brincar no carrossel, permitindo-se esquecer, ainda que temporariamente, as dificuldades e privações que marcam suas existências, o autor define: “E eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe, que viviam de furto como homens, que eram temidos na cidade como ladrões” (Amado, 2009, p. 79). Através dessa cena o autor subverte o olhar estigmatizante da sociedade, ao revelar que por trás do rótulo de infratores, existiam crianças sedentas por amor, afeto e pertencimento.

Diante dos trechos destacados, é imprescindível compreender também o contexto em que foi escrita a obra *Capitães da Areia*, considerando a realidade social e política da época, percebendo como se deu a receptividade da obra na sociedade. Conforme citado anteriormente,

Capitães da Areia foi originalmente lançado no ano de 1937, e, segundo os apontamentos de Bosi (1977), Amado funde em sua obra lirismo, denúncia e utopia social, compondo uma mistura onde o povo é ao mesmo tempo vítima e esperança.

No cenário político da época, a obra recebeu diferentes críticas e aceitação devido à polarização partidária e ideológica vigente na época. Alguns críticos contemporâneos à publicação de *Capitães da Areia* demonstraram desconfiança quanto à veracidade dos eventos descritos pelo autor, especialmente no que se refere à representação dos reformatórios. Podemos mencionar como exemplo o autor Lopes (1983) que chegou a questionar a veracidade das situações narradas, sugerindo que o autor poderia estar distorcendo a realidade com o objetivo de defender sua ideologia marxista, sendo ele do partido comunista.

A obra foi escrita na década de 1930, reflete o colapso econômico do Brasil após a queda da Bolsa de Nova York. No qual coincide com a revolução de 30, um movimento que envolveu a insatisfação de jovens militares, da classe média, do proletariado urbano e das oligarquias do Nordeste e do Sul do país. O escritor pretendia expor o cenário de um período ditatorial conhecido como Estado Novo, que se instaurou após o golpe de estado realizado por Getúlio Vargas em 1937 e perdurou até 1945.

Apesar das duras críticas e da perseguição enfrentada inicialmente pela obra, ela também colheu elogios expressivos por parte de outros críticos, considerando seu valor literário e estético. Olinto (1938) foi um dos primeiros a ressaltar a força narrativa do romance, sublinhando a forma como Jorge Amado conseguia comunicar a luta da juventude marginalizada contra a indiferença, a miséria e o preconceito. O autor destaca não somente a qualidade técnica do texto, mas também seu poder de comunicar a realidade social.

Da mesma forma, Ferraz (1938), ao escrever para a revista *Universidade*, enalteceu a qualidade lírica e dramática da obra, observando sua aptidão em comover o leitor e seu grande valor para o restante do mundo. Ainda pontuou que o romance era digno de alcançar uma dimensão universal por abordar temas como injustiça, abandono, preconceito racial, desigualdade social e solidariedade, vendo nesses tópicos a justificativa de sua projeção internacional. As críticas redigidas pelos autores demonstram que mesmo com a censura e perseguição política, *Capitães da Areia* já nascia como uma obra com relevância literária e com amplo alcance social.

Portanto, ao considerar o momento histórico em que o livro foi lançado, bem como as críticas positivas e negativas recebidas na época, é possível perceber que a obra cumpriu seu propósito. Tanto do ponto de vista técnico quanto social, ela chamou a atenção para as mazelas da sociedade, que eram ignoradas pela elite econômica e pela classe política dominante. São questões que, infelizmente, ainda persistem na contemporaneidade, fazendo com que essa obra seja, ao mesmo tempo, tão antiga e tão atual.

2.4 A realidade viva de uma ficção atemporal

Em consonância com os argumentos redigidos até aqui, urge tecer uma análise crítica de *Capitães da Areia* em diálogo com as estatísticas contemporâneas sobre a marginalização da infância no Brasil. Amparadas pelo pressuposto de que a obra, embora escrita há 88 anos, ainda fornece subsídios relevantes para compreender problemas sociais atuais. Através de citações literárias e dados estatísticos recentes, busca-se traçar um paralelo entre as condições vividas pelos personagens do romance e a realidade atual, destacando permanências e mudanças no cenário social brasileiro.

É evidente que a situação das crianças descritas por Jorge Amado está atrelada a um contexto histórico específico, todavia, reverbera no cenário social contemporâneo. A educação, por exemplo, apresenta diversos e sólidos avanços. Para se obter um panorama disso, é só considerar que de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2023, a taxa de escolarização das crianças de 4 a 5 anos atingiu a marca de 92,9%, enquanto a de 0 a 3 anos alcançou 38,7%. Todavia, os índices de frequência escolar adequada à idade (6 a 14 anos) caíram de 97,1% no ano de 2019 atingindo a marca de 94,6% em 2023, evidenciando a persistência de déficits no sistema educacional.

Outro aspecto relevante abordado em *Capitães da Areia* é o problema do trabalho infantil, o qual ainda persiste como um desafio. Para elucidar isso, basta considerar que em 2023, 1,607 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 se encontravam em situação de trabalho infantil (IBGE, 2024). Há um agravante nesses dados, haja vista que 65,2% dessas crianças eram pretas ou pardas, o que comprova a perpetuação da desigualdade racial e econômica.

Dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social (MDS) em abril de 2025, a partir das inscrições no Cadastro Único, apontam que no Brasil existem mais de 335 mil pessoas em situação de rua, das quais 9.933 são crianças e adolescentes,

aproximadamente 3% da totalidade (AGÊNCIA BRASIL, 2025). Esse levantamento corrobora que, mesmo passados quase um século de conquistas legais e institucionais, como por exemplo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ainda perduram falhas institucionais no que se refere à defesa dos direitos fundamentais desse público.

Cumprе ressaltar que essas informações abrangem somente as pessoas cadastradas nos programas oficiais dos ministérios do Governo Federal, podendo existir subnotificações. Outrossim, o persistente fato de ainda haver crianças e adolescentes em situação de rua é um indicador gritante das falhas nas políticas públicas voltadas à proteção da infância e adolescência.

Jorge Amado (2008) denuncia no livro que a violência havia sido institucionalizada contra as crianças e adolescentes marginalizados ao falar que nos reformatórios elas eram espancadas, tratados como criminosos. Tal fato hoje se traduz no descaso com os direitos dessa população, resultando na violência da falta de moradia, oportunidades, acesso à educação e o assédio constante da criminalidade.

Considerando a indiscutível contribuição da obra de Amado, Eneida Maria de Souza (2000) dispõe que seus escritos representam vozes silenciadas da infância marginalizada, oferecendo dignidade e representatividade aos que são historicamente excluídos e silenciados. Essa característica permanece viva, uma vez que apesar dos avanços institucionais e legais, muitas crianças e adolescentes ainda são entregues a situações de vulnerabilidade, violência e negação de direitos básicos.

Cabe ressaltar também que o papel da literatura vai além do entretenimento, ela reflete e questiona a sociedade, muitas vezes servindo como um espelho das tensões e desafios políticos de uma época. Romances podem conter discursos que, ao serem analisados criticamente, revelam ideologias e perspectivas que ressoam com debates contemporâneos. Nesse sentido, Ribeiro (2022) destaca que o romance apresenta uma retórica conservadora e intolerante que lembra muito os discursos atuais, especialmente aqueles que defendem a redução da maioria penal no Brasil.

Essa postura reforça uma visão superficial sobre os jovens, focada apenas no castigo, sem considerar a prevenção ou a reintegração social. Essa atitude também se reflete na forma como os próprios *Capitães da Areia* são vistos no romance, personagens cuja vulnerabilidade é constantemente usada como justificativa para sua repressão.

A obra *Capitães da Areia* permanece consolidada como uma denúncia das injustiças sociais que continuam estigmatizando a população brasileira. O escritor Jorge Amado, ao apresentar a marginalização infantil, convida os leitores a uma profunda reflexão acerca dos avanços e retrocessos sociais e das políticas públicas. A conversação entre literatura e dados da atualidade possibilita uma compreensão mais profunda das diferenças sociais que perduram ao longo das décadas.

3 A METODOLOGIA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Este capítulo apresenta a utilização da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, como ponto de partida para sua aplicação no ensino do gênero textual carta argumentativa de reclamação. O estudo baseia-se em três abordagens complementares, a pesquisa bibliográfica, a qualitativa e a pesquisa-ação, que permitiram compreender, de forma crítica e contextualizada, a realidade social presente na obra e como ela pode ser ressignificada no ambiente escolar. Ao longo do capítulo, são explicados os métodos adotados, os motivos que levaram à sua escolha e como cada um deles contribuiu para o desenvolvimento da proposta pedagógica com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental.

3.1 Caracterização da pesquisa

Utiliza-se, nesta pesquisa, uma abordagem metodológica bibliográfica. A partir de Severino (2017, p. 76) é descrito que: “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc”. Diante disso, ao realizar uma pesquisa bibliográfica, o pesquisador estabelece um diálogo com o saber consolidado, permitindo que sua pesquisa seja baseada em fundamentos sólidos, favorecendo uma contextualização do tema dentro de uma perspectiva histórica e científica, enriquecendo a análise crítica.

Portanto, a primeira parte do nosso trabalho se constitui de uma pesquisa bibliográfica que abrange não apenas a obra analisada, mas também outras fontes teóricas de elementos que favorecem a compreensão da literatura brasileira dos anos 1930, do contexto social da época, do percurso literário e político do autor, além das demais temáticas exploradas. Se fundamentará juntamente com teorias voltadas para a carta argumentativa de reclamação e da teoria que envolve a sequência didática e produção textual.

Nesse estudo, aplica-se também a abordagem qualitativa, a qual será utilizada porque investiga, busca compreender e descrever os fenômenos e o assunto da natureza em questão. Está concentrada em identificar e analisar dados sem que não dependa de estatísticas. “Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (Gil, 2002,

p. 133). Neste sentido, a abordagem qualitativa não se trata de um processo contingente ou meramente descritivo, mas sim de uma metodologia estruturada e sistemática.

Além do mais, a abordagem qualitativa segundo Denzin e Lincoln (2006), consiste em uma interpretação do mundo, ou seja, significa que os pesquisadores investigam o porquê das coisas em seus cenários naturais, buscando compreender os fenômenos a partir dos significados que as pessoas a eles conferem. Dessa forma consideramos que a abordagem qualitativa nos auxilia a explorar profundamente os significados, as percepções e experiências subjetivas de dado acontecimento, buscando compreender as complexidades dos fenômenos. Gerhardt e Silveira (2009) afirmam que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (Gerhardt e Silveira, 2009, p. 32).

Diante disso, em vez de se restringirem a números e estatísticas, esses métodos permitem que os pesquisadores investiguem as sutilezas das experiências humanas, capturando significados e interpretações que muitas vezes não são percebidos em análises quantitativas. Este estudo aprofunda-se na compreensão das dinâmicas sociais e culturais, utilizando métodos qualitativos para captar as particularidades das experiências humanas. A pesquisa explicará os significados que estão por trás das interações, discursos e contextos que influenciam o tema em questão, proporcionando uma visão mais rica e interpretativa.

3.2 Pesquisa-ação

A parte prática deste trabalho é caracterizada como pesquisa-ação, visto que a pesquisa-ação é uma metodologia que visa fortalecer as práticas e discutir questões sociais, sendo aplicável em várias áreas, como a educação. Ela envolve a reflexão crítica e a participação ativa dos envolvidos para promover mudanças significativas. Nessa perspectiva, Severino (2017, p. 88) aponta que “A Pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la”. Dessa forma, a pesquisa-ação se configura como uma ferramenta poderosa para a transformação social, integrando a compreensão teórica com a prática. É um processo que envolve ação, observação e reflexão.

Diante disso, a pesquisa-ação visa aprimorar a prática profissional ao permitir que pesquisadores analisem um problema e desenvolvam soluções. Seu objetivo é melhorar as

estratégias utilizadas no trabalho, ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento sobre fatores que influenciam diretamente a produtividade e a qualidade do que é produzido por um grupo ou instituição. Ela torna-se uma ferramenta importante na educação quando aplicada, especialmente ao ensino de alunos do 9º ano. Ao identificar desafios enfrentados pelos estudantes, como dificuldades de aprendizagem, falta de engajamento ou obstáculos na compreensão de determinados conteúdos.

Thiollent (1986, p. 15) aponta que “Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas”. Assim, a pesquisa-ação requer que os envolvidos participem ativamente na identificação, análise e implementação de soluções, para que os pesquisadores não se limitem em observar apenas os fenômenos, mas também ajudar a promover mudanças reais no ambiente que estão estudando de acordo com a realidade. O autor argumenta ainda três configurações relacionados a esse tipo de pesquisa:

Num primeiro caso, a pesquisa-ação é organizada para realizar os objetivos práticos de um ator social homogêneo dispondo de suficiente autonomia para encomendar e controlar a pesquisa[...] num segundo caso, a pesquisa-ação é realizada dentro de uma organização (empresa ou escola, por exemplo) na qual existe hierarquia ou grupos cujos relacionamentos são problemáticos [...] num terceiro caso, a pesquisa-ação é organizada em meio aberto, por exemplo, bairro popular, comunidade rural etc. (Op. cit., p. 17).

Nesse sentido, na primeira configuração a pesquisa-ação ocorre em um ambiente onde os participantes possuem objetivos comuns e autonomia suficiente para encomendar, supervisionar e aplicar os resultados da pesquisa. Quando é utilizada na segunda configuração tende a ser mais conflituosa, já que ela será aplicada em escola, como é o caso da presente pesquisa. O resultado da abordagem irá depender da capacidade de negociação, da escuta ativa e do envolvimento das diferentes partes na busca por soluções.

Por fim a última configuração que, diferentemente dos dois primeiros casos, aqui não há uma estrutura centrada para controlar a pesquisa, exigindo maior adaptação e estratégias de participação coletiva. O pesquisador precisa lidar com diferentes interesses, níveis de engajamento e condições sociais que podem afetar a execução das atividades.

Silva, Oliveira e Ataídes (2021) ponderam que a pesquisa-ação não se limita apenas à resolução de um problema específico. Para que ela realmente impulse a transformação social, é necessário que gere novas investigações e aprofundamentos, pois sua abordagem não é apenas explicativa, mas também compreensiva, buscando entender a realidade de forma mais

ampla e integrada. Desse modo, seu caráter compreensivo permite uma análise mais ampla, que não se restringe à explicação dos fenômenos, mas busca entendê-los em suas variadas dimensões e impactos sociais.

Esse caráter da pesquisa-ação, permite explorar diferentes estratégias para inclusão de grupos mais vulneráveis. Por meio desse método, é possível compreender realidades como a dos meninos marginalizados retratados no romance *Capitães da Areia*, os quais enfrentam persistentes desafios sociais e econômicos enquanto constroem suas próprias formas de existência e resistência nas ruas de Salvador. Diante disso, a pesquisa-ação não investiga apenas esses contextos, mas também propõe intervenções que possam ocasionar mudanças significativas.

3.3 Contexto e elementos da análise

Esta pesquisa em Língua Portuguesa, tendo como base a obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado, insere-se no campo dos Estudos Literários. Com ênfase na criação de cartas argumentativas de reclamação, o estudo coloca a construção textual dos alunos no centro das análises realizadas. Além disso, contribui de maneira expressiva para os contextos educacional e social, abordando a língua portuguesa em seus diferentes aspectos, como sua estrutura, seus usos e suas manifestações literárias.

A proposta pedagógica foi implementada na escola municipal de ensino U. I. Rei Davi, situada no município de Lago da Pedra, interior do estado do Maranhão. A escolha dessa escola se deu por estar localizada em uma região interiorana, onde frequentemente há carência de projetos pedagógicos diferenciados e inovadores.

Além disso, a proposta foi aplicada em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, etapa crucial da educação básica, pois os alunos se encontram em um momento de transição para o Ensino Médio. Nesse sentido, essa fase exige uma atenção especial, tanto no aspecto pedagógico quanto no desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e pensamento crítico.

A turma envolvida na proposta era composta por aproximadamente 15 alunos, com faixa etária entre 14 e 15 anos. Alguns desses estudantes apresentaram dificuldades de leitura e escrita, reflexo de uma trajetória escolar marcada por lacunas pedagógicas, comuns em contextos educacionais de regiões de interior. A escola, embora comprometida com a qualidade

do ensino, enfrenta limitações em termos de recursos materiais e tecnológicos, o que torna propostas como essa ainda mais relevantes.

Ademais, a proposta foi desenvolvida em algumas partes: foi realizada a apresentação da obra com um resumo detalhado, acompanhada da leitura de trechos selecionados, seguido com a apresentação do filme baseado na obra e sua exibição em partes, aula dedicada ao estudo do gênero textual carta argumentativa de reclamação e a última etapa envolveu a produção de cartas argumentativas, culminando em exposições orais. A fim de garantir uma abordagem didática estruturada, adequada ao nível de maturidade dos estudantes, que demonstrem maior capacidade de compreensão e elaboração textual.

3.4 Sequência didática: Fundamentos teóricos

A proposta foi estruturada com base em uma abordagem didática voltada para o gênero textual carta argumentativa de reclamação, sendo desenvolvida por meio de uma sequência didática planejada. Como elemento central do nosso estudo, foi escolhida a obra *Capitães da Areia*, do escritor Jorge Amado, para apoio da análise realizada com os alunos participantes da pesquisa.

Antes de apresentarmos e analisarmos a proposta de Sequência Didática (SD) que foi executada, é fundamental entender os princípios teóricos que embasam essa abordagem, assim como sua organização e funcionamento. A SD não se restringe apenas à realização de tarefas de leitura ou de produção textual, pois ela sugere uma prática educacional deliberada e estruturada, que vai além do aspecto mecânico frequentemente relacionado às atividades escolares. É uma metodologia que busca facilitar aprendizagens relevantes por meio de etapas interligadas e com metas definidas.

A SD tem seu surgimento oriundo das pesquisas da Didática do Gênero Textual, tendo sua gênese na Europa, contando com as contribuições dos pesquisadores Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart, a partir da década de 1980. Essa metodologia de ensino emergiu como uma estratégia de organização do ensino da linguagem oral e escrita, utilizando-se de estrutura sistemática e orientada para a elaboração de gêneros textuais, vislumbrando o desenvolvimento constante de competências nos estudantes (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004).

Desse modo, constata-se que a SD é uma forma de trabalhar em sala de aula em que os alunos exercitam suas competências. Tais competências são adquiridas ao longo da vida escolar, mas ainda não foram totalmente assimiladas. Portanto, este é um momento propício para a aquisição de novas informações que contribuam para a consolidação do processo de aprendizagem. O enfoque principal de uma SD é oferecer aos educadores uma metodologia sólida para repassar ensinamentos de modo ágil, decompondo o processo de aprendizagem em etapas bem definidas (Cardoso, 2024).

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) abordam que a sequência didática é uma forma de organizar as atividades em sala de aula de maneira planejada e por etapas, sempre com foco em um gênero textual, que pode ser falado ou escrito. A intenção é fazer com que o estudante entenda como esse gênero funciona e consiga usá-lo com mais segurança e clareza em diferentes situações de comunicação.

A SD contribui consistentemente para uma interação articulada entre aulas e conteúdo, uma vez que assinala a existência de uma sequência de conhecimentos a serem construídos. Para Zabala (1998, p. 20) “sequências didáticas são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática”. Nesse sentido, a SD também se constitui como um meio para uma reflexão sobre a prática docente, haja vista que ela assinala a importância que cada uma das atividades possui no processo de aprendizagem de conteúdos distintos e, portanto, aferir o quão pertinente, ou não, são cada uma delas, cogitando a ausência de outras ou os aspectos que merecem maior atenção.

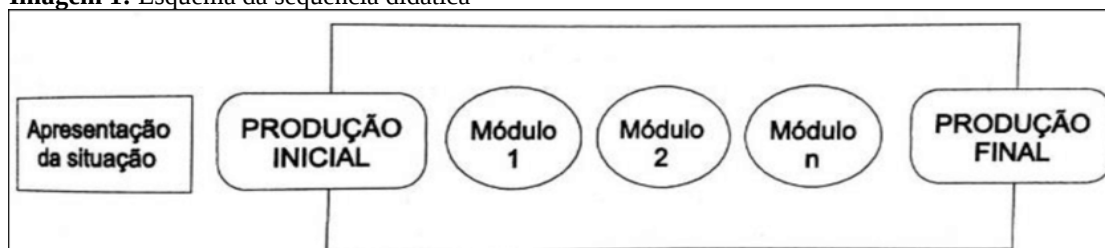
Diante disso, é indispensável considerar os estudos de Cardoso (2024), quando assegura que uma SD é uma estratégia assertiva para a consolidação de conhecimentos em sala de aula, sendo que por meio dela há um planejamento estruturado sobre as atividades a serem desenvolvidas. “A sequência didática é uma abordagem pedagógica fundamental no campo da Educação, pois representa um conjunto estruturado de atividades cuidadosamente planejadas, interligadas e desenvolvidas de forma sequencial” (Cardoso, 2024, p.11).

A proposta de SD surgiu da percepção dos pesquisadores diante da carência de recursos para a superação da compartimentalização dos conhecimentos na área do ensino de línguas. Nesse contexto, Dolz & Schneuwly (2004) afirmam que as Sequências Didáticas buscam incentivar o progresso dos alunos, ajudando-os a desenvolver maior domínio sobre os gêneros

textuais e as diferentes situações de comunicação. Os referidos autores propõem um modelo metodológico bem estruturado de como uma SD deve ser desenvolvida.

O método de Dolz e colaboradores (2004) consiste em uma produção inicial por parte dos alunos, os quais realizam uma produção que servirá como ponto inicial da SD. Em seguida, haverá o desenvolvimento dos módulos, os quais serão subdivididos e não apresentarão uma quantidade estipulada (flexível e a critério do autor da SD). E por fim, haverá o momento da produção final, momento propício para a avaliação. A seguir, a imagem proposta pelos autores, exemplificando o passo a passo de uma SD:

Imagem 1: Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83).

Dessa forma, sugere-se uma sequência de atividades organizada em etapas conectadas, com o objetivo de facilitar o ensino e a aprendizagem dos diferentes tipos de textos. A sequência começa com a apresentação da situação e uma produção inicial, e depois passa por uma série de módulos (módulo 1, módulo 2, até o módulo n). Esses módulos têm o propósito de desenvolver, de forma gradual, as habilidades necessárias para a produção final do texto trabalhado. Vale destacar que esses módulos não precisam ser seguidos de forma rígida ou em ordem fixa pois eles podem ser revisitados ao longo do processo, conforme as necessidades da turma e os objetivos do professor. Ao expor esse esquema, os autores o explicam da seguinte forma:

Após uma apresentação da situação na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar; estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a primeira produção. Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os módulos, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência" (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004. p. 98).

De acordo com Cardozo (2024), após a culminância de uma SD, é imprescindível a realização de um momento de “Síntese e Reflexão”, onde o professor precisará efetuar uma análise de todo o processo, visando examinar a eficácia da sequência didática em sua totalidade, verificando se é preciso que haja uma revisão das atividades, materiais e métodos empregados. E ainda, considerando os pontos a serem melhorados.

Cumpré destacar que a flexibilidade é uma característica marcante ao propor uma SD, uma vez que cada grupo de alunos é dotado de singularidade, demandando alterações no decorrer do processo de ensino. Adequar as metodologias e os recursos às demandas particulares dos alunos é indispensável para que a aprendizagem seja efetiva (Cardoso, 2024).

3.5 Proposta de intervenção e metodologia aplicada

Estabelecidos os fundamentos teóricos da SD, torna-se essencial detalhar como foi organizada a SD empregada na construção do nosso estudo. Para esta intervenção, foi selecionada a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, articulada ao trabalho com o gênero textual carta argumentativa de reclamação. A escolha do romance se deu por seu potencial de provocar reflexões críticas acerca da exclusão social e da juventude marginalizada, com temas que dialogam com o universo dos alunos.

A aplicação ocorreu em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais, na escola municipal U. I. Rei Davi, da cidade de Lago da Pedra-MA. O processo foi conduzido ao longo de 6 aulas expositivas e dialogadas, estruturadas de acordo com o esquema apresentado na tabela abaixo, considerando o modelo de desenvolvimento de SD proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

Tabela 1: Atividades da Sequência didática.

AULA	DURAÇÃO	MÓDULO	ATIVIDADE	ALUNOS
01	1H20MIN.	Apresentação da situação de comunicação.	Apresentação da proposta de SD e do livro <i>Capitães da Areia</i> , com trechos do filme e um diálogo com os alunos.	15
02	1H20MIN.	Reconhecimento do gênero.	Ler as cartas presentes no livro, e falar da estrutura do gênero Carta argumentativa de exclamação.	15
03	40 MIN.	Produção inicial.	Produção direcionada, auxiliando aos alunos em cada etapa.	15
04	40 MIN.	Módulo 2 de produção	Com orientações direcionadas para cada aluno, após mais leituras de cartas e exemplos de como estruturar esse tipo de	15

		(Primeira reescrita).	texto.	
05	40 MIN.	Produção final	Produção direcionada a analisar a aperfeiçoar a carta escrita pelos estudantes seguindo as estruturas	15
06	40MIN.	Circulação do Gênero	Exposição das cartas, com leitura oral das mesmas.	15

Fonte: As autoras (2025).

Nessa primeira etapa, desenvolvida ao longo de duas aulas, foi apresentada aos estudantes a proposta da sequência didática. Em seguida, introduziu-se a obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, e alguns recortes do filme cinematográfico como parte do desenvolvimento da temática. A segunda parte da aula foi complementada com trechos do livro, pois serviu para aproximar os alunos da narrativa e facilitar o entendimento das questões abordadas na obra. Durante essa etapa, promoveu-se um diálogo com os estudantes, por meio da troca de ideias e reflexões sobre os aspectos sociais e culturais presentes no livro. Dessa forma, buscou-se engajar os alunos de forma interativa, enriquecendo o processo de aprendizagem.

A participação nas conversas revelou um interesse verdadeiro por parte dos estudantes, que demonstraram sensibilidade ao identificar, na narrativa, as questões vivenciadas pelos personagens. Ao relacionarem essas temáticas com situações do seu próprio contexto, foi possível perceber que os estudantes argumentaram de forma crítica, isso demonstrou um nível avançado de reflexão e engajamento por parte dos estudantes antes mesmo de passarem pela fase de produção.

A segunda etapa da sequência didática foi desenvolvida ao longo de duas aulas e teve como foco principal o reconhecimento e a compreensão do gênero textual “carta argumentativa de reclamação”. Essa fase foi planejada para aprofundar o contato dos alunos com o gênero, tanto em seu conceito e aspecto estrutural quanto em sua função. Para isso, utilizou-se como ponto de partida a leitura de cartas presentes no início da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, que, mesmo inseridas em um contexto literário, oferecem elementos importantes para a análise e discussão sobre a linguagem e a intencionalidade desse tipo de texto.

Durante a primeira aula, pedimos para que cinco alunos realizassem a leitura, em voz alta, das cartas presentes no início da obra. Esse momento de leitura, teve como objetivo destacar elementos centrais do gênero, mesmo em seu uso ficcional. Embora essas cartas sejam, sobretudo, dirigidas ao leitor e façam parte da introdução do romance, elas serviram como

referência para o trabalho com o gênero carta argumentativa de reclamação, pois apresentam características semelhantes, como a exposição de situações de injustiça, a expressão de insatisfação e o uso de uma linguagem carregada de intenções argumentativas.

Na segunda aula, o foco foi sistematizar tudo aquilo que os discentes haviam percebido nas leituras e discussões anteriores. Foi mostrado a eles um esquema com as principais características da carta argumentativa de reclamação. Os alunos destacaram os elementos básicos da estrutura como: local e data, vocativo, corpo do texto, despedida, assinatura, e os recursos linguísticos que tornam o texto mais claro, coeso e persuasivo.

Para tornar o aprendizado mais próximo da realidade deles, levamos exemplos de cartas de reclamação, enviadas a determinadas autoridades e instituições, com o objetivo de mostrar como esse tipo de texto é utilizado em situações concretas para reivindicar direitos, relatar problemas e buscar soluções de forma formal e argumentativa. Esse primeiro contato com modelos foi importante para que os alunos pudessem se familiarizar com a linguagem, a estrutura e a intenção do gênero antes mesmo de partirem para a produção escrita. Além disso, foi feita uma diferenciação entre a carta de solicitação e a de reclamação, destacando suas diferenças em termos de finalidade, para evitar que os alunos confundissem os gêneros no momento da produção.

A aula três, dividida em duas aulas, foi fundamental para que os eles fossem ouvidos, permitindo identificar suas dúvidas e dificuldades. Logo após, os estudantes iniciaram a produção da carta argumentativa de reclamação. Nesse momento, colocaram em prática os conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores, com foco na aplicação da estrutura do gênero, na construção de argumentos consistentes e na adequação da linguagem ao contexto.

Explicamos que a proposta de escrita seria construída como uma resposta intertextual às cartas do início da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. A ideia era que eles escrevessem como se fossem os próprios meninos do trapiche, respondendo às acusações e críticas recebidas, defendendo sua realidade e reivindicando seus direitos. Foi uma forma de conectar a prática da escrita com a leitura literária, além de abrir espaço para uma linguagem mais argumentativa e crítica, uma vez que estão no 9º ano e, em breve, ingressarão no ensino médio.

O módulo 2 de produção, que teve duração de uma aula, foi dedicado à primeira reescrita das cartas. O nosso foco nessa fase foi aprofundar ainda mais o trabalho com o gênero carta argumentativa. Depois da produção inicial, notamos a importância de revisitar alguns aspectos

estruturais e linguísticos. Por isso, sugerimos novas leituras de cartas de reclamação, tanto as da obra literária quanto do dia a dia, para que os alunos pudessem ampliar seu repertório e referências ao aprimorar seus textos. A leitura desses exemplos ajudou a reforçar elementos como a progressão da argumentação, o uso correto do vocativo e da despedida, além do tom respeitoso e firme que esse tipo de carta requer.

A partir dessas novas observações, cada aluno foi encorajado a revisar sua carta, agora com mais confiança e entendimento sobre a estrutura e o propósito do gênero. Durante esse processo, oferecemos orientações individualizadas, conversando com cada estudante sobre o que poderia ser aprimorado, quais partes estavam boas e o que precisava ser ajustado para tornar o texto mais coeso e convincente.

No terceiro e último módulo de produção, chegamos à fase final das cartas argumentativas. Essa etapa ocorreu ao longo de uma aula e teve como objetivo consolidar todo o processo que havia sido desenvolvido até ali. Após todo o processo de leitura, escrita inicial, reflexão e reescrita, os alunos se sentiram mais confiantes e cientes das exigências desse gênero. A proposta foi que eles revissem com cuidado a carta anterior, agora com um o sentido mais atento, buscando aprimorar o texto em relação à clareza, à organização das ideias, à coerência dos argumentos e à fidelidade à estrutura da carta de reclamação.

Mesmo sendo uma produção mais independente, continuamos acompanhando de perto o processo de cada estudante. Estivemos disponíveis para tirar dúvidas pontuais, reforçar pontos relevantes e incentivar que cada estudante fizesse decisões mais conscientes em relação à linguagem utilizada. Foi interessante perceber que, nessa fase, muitos discentes já conseguiam identificar por conta própria o que precisava ser ajustado, seja um argumento que poderia ser mais bem aprofundado, uma despedida que não estava tão adequada, ou até mesmo um trecho que precisava de mais coesão.

Ainda nessa etapa percebemos que os estudantes conseguiram estruturar a carta argumentativa de reclamação de forma adequada. Para nós, enquanto acadêmicas em formação, foi bastante significativo observar essa transformação de perto e notar que, com suporte, atenção e orientação, eles se tornam mais seguros e habilidosos na produção de textos.

Por fim, encerramos a sequência com o último módulo, voltado para a circulação do gênero, realizado ao longo de uma aula. levamos os estudantes para outra sala da escola, onde explicamos o sentido e a importância da apresentação dos textos. O objetivo era evidenciar que

as produções escritas podem ganhar visibilidade e exercer impacto fora da sala de aula. Convidamos alguns estudantes a lerem suas cartas argumentativas em voz alta. A intenção era, além de valorizar a produção dos colegas, mostrar aos demais que todos eram capazes de produzir textos coerentes e bem estruturados.

O *corpus* desta pesquisa tem como foco central a análise de cartas argumentativas de reclamação, elaboradas por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, da escola Rei Davi. Tendo como ponto de partida a leitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, com o objetivo de promover reflexões críticas sobre os problemas sociais enfrentados por esses personagens dentro da produção literária. Ao longo da proposta, o desenvolvimento do trabalho é aprofundado por meio de momentos de diálogos e reflexões acerca da temática.

Para o estudo desta pesquisa, serão selecionadas três cartas que se destacam por sua organização textual e coerência argumentativa. Esses textos, denominados Carta 1, destinada ao juiz de menores, Carta 2, destinada ao diretor do reformatório e Carta 3, também destinada ao juiz de menores serão objeto de uma análise minuciosa, visando analisar o texto crítico das cartas para assim compreender de que maneira os alunos aplicaram os elementos discutidos em sala de aula.

A escolha desses textos não se dará de forma aleatória, mas com base em critérios previamente definidos, como: clareza na estrutura (local e data, vocativo, saudação ao destinatário, introdução com a apresentação do problema, desenvolvimento, conclusão com a proposta de solução da carta de despedida com a assinatura). Além de analisar uso adequado de operadores argumentativos, presença de argumentos consistentes e relevantes, domínio da norma padrão da língua quando exigido pelo gênero e pertinência do conteúdo em relação ao tema escolhido.

Contudo, a análise não se limitará apenas em aspectos estruturais, visto que também será examinada a presença de senso crítico nos textos dos discentes, ou seja, a capacidade de refletir sobre a realidade social, identificar injustiças, propor soluções e se posicionar de forma ética diante das questões discutidas nas cartas fictícias da obra.

4. GÊNERO TEXTUAL CARTA NA SALA DE AULA

Abordaremos e analisaremos neste capítulo a proposta pedagógica desenvolvida com o gênero carta argumentativa de reclamação no contexto da sala de aula, com base teórica nos pressupostos dos gêneros textuais e da sequência didática. Inicialmente, conceituaremos a perspectiva de gênero textual e situaremos a carta enquanto uma prática comunicativa historicamente consolidada, cujas formas e funções variam de acordo com o propósito comunicativo e o contexto social em que se insere.

Na sequência, será abordada especificamente a carta argumentativa, destacando suas características estruturais, linguísticas e funcionais, bem como sua importância como instrumento de expressão, argumentação e posicionamento crítico. Por fim, serão analisadas três cartas produzidas pelos estudantes, notando-se aspectos estruturais, temáticos, argumentativos e linguísticos. Identificando como os estudantes compreenderam e aplicaram os conhecimentos sobre o gênero, além de avaliar a sensibilidade e o senso crítico, com que dialogaram com o texto literário e com as problemáticas sociais abordadas na obra.

4.1 A carta argumentativa de reclamação

Antes de adentrar diretamente ao conceito do gênero carta, é fundamental entender, de maneira prévia, o que se entende por gêneros textuais, dado que essa compreensão serve como base conceitual para a investigação das diferentes expressões linguísticas presentes nas práticas sociais.

Os gêneros textuais correspondem a uma estrutura comunicativa estável, moldada pelos diferentes contextos em que é utilizada. Suas características linguísticas, estruturais e funcionais são definidas conforme as exigências do uso social da linguagem, permitindo que os enunciados se adaptem às necessidades específicas da interação comunicativa.

Conforme Marcuschi (2009), o estudo dos gêneros textuais está diretamente relacionado ao uso cotidiano da língua, que se manifesta de diversas formas nos diferentes contextos sociais. Nesse processo, a análise dos gêneros textuais envolve tanto a compreensão do texto e do discurso quanto a observação da estrutura linguística e da visão da sociedade sobre a comunicação. Além disso, busca responder a questões de natureza sociocultural, contribuindo para uma reflexão mais ampla sobre a linguagem e sua função na interação entre indivíduos.

É nessa finalidade que se insere o estudo do gênero textual carta. Sendo uma modalidade de comunicação escrita caracterizada por sua estrutura tradicional e propósito específico. Fundamentada na necessidade de transmissão de mensagens entre remetente e destinatário, a carta pode assumir diferentes formas e funções, variando entre comunicações pessoais e institucionais.

Escrever uma carta é mais do que simplesmente registrar palavras no papel, pois trata-se de um ato de comunicação que reflete a intenção do emissor e o contexto das relações entre os interlocutores. Seja para transmitir sentimentos, compartilhar informações ou formalizar pedidos, a carta assume diferentes formatos e estilos, sempre moldada pelo propósito que orienta sua criação.

Nesse sentido, Teixeira (2011) afirma que escrever uma carta é produzir um texto que é elaborado de acordo com as relações existentes entre os sujeitos e o seu propósito de comunicação. A estrutura e o tom de uma carta não são meramente aleatórios, já que eles são moldados pelas circunstâncias que envolvem o emissor e o destinatário. Uma carta pode ser formal ou informal, objetiva ou emotiva, dependendo do vínculo entre os interlocutores e da intenção por trás da mensagem.

A carta é um dos gêneros textuais mais antigos da comunicação escrita, tendo desempenhado um papel fundamental na troca de informações entre indivíduos ao longo da história. Segundo Pessoa (2002), antigamente, as cartas desempenhavam um papel semelhante ao dos jornais, circulando entre as pessoas e espalhando notícias.

A característica deste gênero continuaria ao longo dos séculos, mantendo sua relevância na comunicação. Essa visão destaca o papel social e informativo das cartas, que, além de facilitar a comunicação entre indivíduos, também funcionava como uma forma de registrar e divulgar acontecimentos.

Ao longo dos séculos, mesmo com o surgimento de novas formas de comunicação, a carta permaneceu importante, sempre se adaptando às mudanças de cada época. Embora hoje ela seja em grande parte substituída por tecnologias digitais, ela ainda é uma ferramenta valiosa em situações formais, pessoais ou até na literatura, mostrando sua versatilidade e sua presença duradoura na cultura escrita.

Com base nessa perspectiva, Dórea (2012) apresenta argumentos sobre essa questão, nos quais destaca que a escrita epistolar ao longo do tempo, foi mudando e se ajustando até se tornar mais conhecida como correspondência pessoal. Apesar de não ser tão utilizada hoje, outras formas de carta surgiram, como as "cartas do leitor", mostrando como os gêneros textuais evoluem naturalmente. Essas transformações acompanham as mudanças na sociedade e nas diversas áreas de atuação humana, provando que os textos não são fixos, mas se adaptam conforme as necessidades e o contexto.

Baseado nessas transformações na escrita epistolar e na adaptação dos diferentes tipos de textos às necessidades da sociedade, surge a carta argumentativa como uma forma moderna e funcional de correspondência. Esse gênero textual mantém a estrutura básica da carta tradicional, mas tem um foco mais claro: apresentar e defender um ponto de vista sobre um assunto específico.

Dessa forma, a carta argumentativa tem características formais, em que quem a escreve expressa sua opinião sobre um determinado assunto, apoiando-se em argumentos bem fundamentados e convincentes. O objetivo é convencer o leitor ou quem recebe a carta, usando dados, exemplos ou até referências a leis para fortalecer o que está sendo dito.

Por meio desse argumento, Koche (2017, p. 75) aponta, que: “A carta argumentativa consiste num gênero textual no qual o emissor escreve a um receptor a fim de reclamar ou solicitar algo”. Assim a carta argumentativa de reclamação serve como um meio de expressar descontentamento e buscar soluções para problemas enfrentados, permitindo que o emissor articule suas ideias de forma clara e persuasiva.

A comunicação escrita, especialmente quando se trata de fazer uma reclamação, é muito importante para expressar determinadas demandas e tentar resolver conflitos. Nesse sentido, Costa e de Jesus (2023), explicam que o ato de reclamar está ligado à necessidade de informar um problema a uma autoridade, geralmente com o objetivo de convencer essa pessoa a ajudar. Para isso, usamos uma linguagem adequada e seguimos uma estrutura parecida com a de uma carta pessoal. Essa estrutura costuma incluir alguns elementos essenciais:

- a) Local e data: situam o destinatário quanto ao momento de produção da carta e constam no início do texto, à esquerda.
- b) Vocativo: apresenta a saudação inicial, com o tratamento adequado ao receptor (Prezada Senhora, Ilustríssimo Diretor etc.). Depois do vocativo, o emissor pode usar vírgula ou dois pontos, ou não colocar qualquer pontuação.
- c) Corpo do texto: no primeiro parágrafo, expõe o assunto e o objetivo da carta. Nos parágrafos subsequentes, explicita o que foi exposto inicialmente, a fim de

convencer o interlocutor da legitimidade da reclamação ou do pedido por meio de argumentos consistentes. No último parágrafo, faz o fechamento da discussão.

d) Despedida: constitui a saudação final, sempre simpática e cordial.

e) Assinatura: indica o remetente, colocando seu nome completo e identificação profissional (jornalista, professor etc.) (Koche, 2017. p.76).

Por meio dessa organização podemos compreender que o respeito à estrutura formal de uma carta constitui-se como um elemento fundamental para a efetividade da comunicação escrita. A organização adequada do texto facilita a compreensão da mensagem pelo destinatário, e verifica a credibilidade e profissionalismo do remetente.

Outro fator importante na construção da carta argumentativa de reclamação é a presença dos operadores argumentativos, que desempenham um papel fundamental, pois contribuem para a clareza, coerência e persuasão do texto. Esses elementos linguísticos estabelecem relações entre ideias, fortalecem a argumentação e auxiliam na organização das informações apresentadas: “Os operadores argumentativos são importantes na produção da carta argumentativa, uma vez que estabelecem relações entre os segmentos de um texto, entre os parágrafos, entre as orações de um mesmo período e entre os períodos” (Op. Cit, p.76).

Diante do exposto, é importante destacar que usar corretamente os operadores argumentativos é essencial para escrever uma carta argumentativa bem estruturada e eficaz. Tais recursos linguísticos ajudam a conectar as ideias, criando relações lógicas entre frases, parágrafos e seções do texto. Isso torna a leitura mais fluida e ajuda a construir um raciocínio claro e bem estruturado.

Saber usar corretamente os operadores argumentativos é muito importante para montar uma carta argumentativa que seja clara, coerente e bem-organizada, especialmente em situações que pedem uma linguagem mais formal. Esses recursos ajudam a conectar as ideias de forma lógica, deixando o texto mais organizado e convincente. Dessa forma, o uso adequado desses operadores será um dos pontos avaliados na análise das cartas dos estudantes.

4.2 Um aspecto geral

A proposta metodológica apresentada apoia uma prática pedagógica, utilizando de pressupostos teóricos para o ensino por meio de gêneros textuais, partindo do modelo de Sequência Didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Considerando isso, a escolha pela obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, possibilita que o ensino de leitura e

escrita do gênero carta educação dialogue com experiências sociais reais dos alunos, não sendo algo descolado da realidade na qual estão inseridos.

A articulação entre a leitura e o trabalho com o gênero carta argumentativa de reclamação vislumbra uma abordagem interdisciplinar, permitindo aos estudantes identificarem paralelos com seus contextos de vida e refletirem sobre a sociedade em que estão inseridos. Ao propor que os alunos escrevessem cartas como se fossem os personagens da obra, essa estratégia possibilitou o desenvolvimento da capacidade argumentativa e do senso crítico. Essa metodologia está em consonância com os princípios de letramento propostos por autores como Rojo (2009), que defendem a valorização da linguagem como prática social significativa no contexto escolar.

Outro aspecto relevante da proposta é sua organização didática, como descrito em nossa metodologia e aqui resgatado, está estruturada em seis aulas, apresentando etapas bem delimitadas, evidenciando um planejamento pedagógico rigoroso voltado para as necessidades dos alunos. Nesse sentido, a progressão das atividades respeita o tempo de aprendizagem dos alunos, valorizando tanto o processo de construção quanto o resultado final.

A prática da reescrita orientada e das devolutivas individualizadas contribui para um olhar atento às dificuldades específicas dos estudantes, colaborando significativamente para o desenvolvimento das competências de escrita. Ao integrar leitura, produção textual e reflexão sobre a realidade social da obra, essa proposta de intervenção dialoga com os pressupostos da BNCC: “Analisar, interpretar e aplicar os usos da linguagem como instrumento para a construção de sentidos, de ação no mundo e de expressão da identidade, dos afetos e das emoções” (BNCC, 2018, p. 9).

Considerando todas essas estratégias percorridas até aqui, justifica-se a importância da escolha do romance de Jorge Amado para nosso estudo, bem como a intenção ao escolher as cartas do juiz de menores, do padre José Pedro e do diretor do reformatório, as quais desempenham papel fundamental na construção da crítica social presente na obra. Esses textos possibilitam ao leitor identificar as diferentes perspectivas da sociedade sobre os Capitães da Areia.

Ao comparar essas visões distintas, Jorge Amado demonstra a existência de contradições e injustiças em um sistema que marginaliza crianças e adolescentes pobres, revelando os problemas institucionais, sociais e políticos da época, tratando esse público como

ameaça, as quais devem ser silenciadas e afastadas da vida em sociedade. Essa afirmação é corroborada pelos estudos de Zilberman (2003, p. 23), o qual aponta em seus estudos que a literatura cumpre o papel de “dar voz aos excluídos, denunciando a opressão e questionando as estruturas que sustentam a desigualdade”, o que é claramente perceptível na obra discutida. A título exemplificação, como exposto na parte prática de nossa pesquisa, apresentamos as cartas utilizadas em sala, retiradas da obra estudada.

Imagem 2: Carta do Dr. juiz de menores.**CARTA DO DR. JUIZ DE MENORES
À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE**

Exmo. sr. diretor do *Jornal da Tarde*
Cidade do Salvador
Neste estado

Meu caro patrício.
Cordiais saudações.

Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de uma epístola do infatigável dr. chefe de polícia do estado, na qual dizia dos motivos por que a polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o dr. chefe de polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável chefia de polícia, sou obrigado, a bem da verdade (essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima), a declarar que a desculpa não procede. Não procede, sr. diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. dr. chefe de polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em cinquenta anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo.

Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o reformatório de menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que

fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia.

O que quero deixar claro e cristalino, sr. diretor, é que o dr. chefe de polícia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes.

De v. exa., admirador e patrício grato,

Juiz de menores

(Publicada no *Jornal da Tarde* com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso.)

Fonte: Amado (2008, p. 14 e 15).

A carta do juiz de menores é a primeira a ser apresentada e carrega um tom formal e legalista, descrevendo os meninos como delinquentes perigosos que ameaçam a ordem pública, enfatizando a necessidade de exercer alguma forma de controle. Sua linguagem despersonaliza as crianças, ignorando completamente os fatores sociais que as levaram à marginalização, o que fica nítido no seguinte trecho da obra: “mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados” (Amado, 2008 p. 14).

Ao declarar que ajudará de todas as formas possíveis o chefe de polícia na perseguição das crianças e adolescentes, o juiz representa uma justiça cega e tendenciosa, sem qualquer compromisso com a transformação social ou com a proteção da infância. Carregando um discurso de que os capitães são culpados por fugirem do reformatório, afirmando ser um lugar de paz, respeito e trabalho. Jorge Amado, ao apresentar esta carta, critica a postura das autoridades que preferem punir em vez de compreender, evidenciando um sistema que, ao invés de acolher, condena.

Em oposição a essa visão punitiva e desumana do juiz, a carta do padre José Pedro adota um tom humanista e compassivo. O religioso reconhece nos Capitães da Areia não criminosos, mas vítimas de uma sociedade injusta que exclui os menos favorecidos. O padre sublinha que as crianças “no aludido reformatório são tratadas como feras” (Amado, 2008, p. 18). Sua escrita é marcada por um apelo à solidariedade cristã, clamando por justiça e visando levar o consolo da religião aos capitães.

O padre não nega os erros cometidos pelos meninos, mas os contextualiza dentro de um cenário de abandono e falta de assistência. O Padre reclama que “em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos” (Amado, 2008, p. 18). Ao fazer isso, ele acarreta um tom de sensibilidade ao romance, sendo um personagem que reflete as ideias sociais do próprio autor, defensor da luta por igualdade, funcionando como um contraponto essencial às visões autoritárias e preconceituosas dos demais escritos. Desta não apresentamos o texto pois não consta em nossa análise uma produção dos alunos que a responda. Assim como a carta citada inicialmente, apresentamos mais um exemplo com o qual os alunos dialogam em suas produções:

Imagem 3: Carta do diretor do reformatório.

**CARTA DO DIRETOR DO REFORMATÓRIO
À REDAÇÃO DO JORNAL DA TARDE**

Exmo. sr. diretor do *Jornal da Tarde*

Saudações.

Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirige, tem feito contra os crimes apavorantes dos Capitães da Areia, bando de delinquentes que amedronta a cidade e impede que ela viva sossegadamente.

Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento que dirijo e que a modéstia (e somente a modéstia, sr. diretor) me impede que chame de modelar.

Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o reformatório. Mas, como já disse, sr. diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento.

O que me abismou, sr. diretor, foi a carta do padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre (que eu chamarei de padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, sr. diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regula-

mento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação.

Porém, sr. diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo.

Criado agradecido e admirador atento,

Diretor do Reformatório Baiano de
Menores Delinquentes e Abandonados

(Publicada na terceira página do *Jornal da Tarde* com um clichê do reformatório e uma notícia adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do *Jornal da Tarde* ao reformatório.)

Fonte: Amado (2008, p. 19).

Ao chegar na carta do diretor do reformatório há a retomada da visão semelhante à do juiz, só que de uma forma mais preconceituosa e agressiva. Nela, o diretor demonstra os castigos impostos aos internos: “aqui são submetidos a uma vida exemplar” (Amado, 2008, p. 19), demonstrando a violência institucional que marca o sistema correcional. A linguagem usada para descrever o personagem revela uma mentalidade autoritária, que acredita na disciplina pelo sofrimento físico e moral.

A figura do diretor simboliza o fracasso das instituições que, em vez de oferecer acolhimento e educação, reproduzem práticas de desumanização. Não só isso, como também a oposição àqueles que tentam realizar práticas mais humanas e com consciência social. Como fica explícito nas críticas do diretor ao padre, afirmando que desde que o sacerdote começou a frequentar aquele local houve o crescimento de casos de rebeldia, o acusando de ser “apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda” (Amado, 2008, p. 20).

Jorge Amado utiliza dessas cartas como ferramenta de denúncia contra o caráter perverso dos reformatórios, que se afirmavam como fonte de recuperação para os jovens, mas que na verdade acabavam por destruí-los ainda mais. Dessa forma, as três cartas iniciais de *Capitães da Areia* servem como um retrato da sociedade brasileira dos anos de 1930, permeada por desigualdades sociais e por instituições que perpetuam a exclusão dos mais fragilizados.

Ao apresentar essas vozes contrastantes logo no início da obra, o autor do livro instiga o leitor a refletir criticamente sobre a realidade social da época, compreendendo que os capitães da areia não eram intencionalmente bandidos, mas como crianças esquecidas pelas autoridades e pelas políticas públicas, o que favorece a reflexão sobre a realidade atual, traçando paralelos.

4.3 Análise detalhada das cartas produzidas

Nesta etapa da pesquisa, será realizada a análise de três cartas argumentativas de reclamação produzidas pelos estudantes participantes durante a sequência didática. Por meio de uma análise interpretativa de cartas argumentativas de reclamação, produzidas pelos discentes participantes da proposta pedagógica desenvolvida a partir da leitura da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado.

Esta análise se insere na perspectiva qualitativa da pesquisa, visando entender como os estudantes assimilaram os elementos estruturais e discursivos do gênero carta argumentativa. Além disso, busca-se compreender de que maneira eles utilizaram o conteúdo temático da obra em suas próprias produções textuais. Para isso, serão observados aspectos como a estrutura da carta, o uso correto de vocativos, a organização dos argumentos, a presença de operadores argumentativos e a coerência entre o tema abordado e o universo literário apresentado.

Não será foco desta análise questões ortográficas ou gramaticais de norma padrão, uma vez que o foco não é avaliar a correção dos textos, mas sim analisar a construção dos aspectos críticos, a capacidade de argumentação e a articulação entre a leitura dos textos literários com a produção escrita. Dessa forma buscamos valorizar o processo de aprendizagem e o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes, considerando os textos como forma de reflexão e expressão.

A seguir, serão analisadas três cartas selecionadas com base em critérios previamente definidos, como organização textual, clareza na argumentação, relação com o tema e adequação ao gênero proposto.

Imagem 4: Carta destinada ao juiz de menores.

Fonte: acervo das autoras (2025).

Salvador, 27 de março de 2025

Exe. excelentíssimo Senhor Juiz de Menores,

Meu nome é Gabriely, faço parte dos capitães da rua. Venho por meio desta carta expressar minha indignação em relação à situação dos menores nas ruas e também nas decisões de Vossa Excelência, pois o Senhor Juiz dos Menores, deveria representar um sistema de justiça ao invés de punições inadequadas. Portanto, o real motivo de agirmos como adultos e vivermos na rua é por que não temos família e nem o apoio da sociedade. Nós tentamos sempre apenas crianças, tentando sobreviver. O Senhor ao invés de buscar alternativas para nos ajudar, o Senhor faz o contrário e ainda trata todos nós como se fôssemos criminosos, porém a verdade é que somos obrigados a viver desta forma. Segundo o que o Senhor afirmou sobre o reformatório, é tudo mentira, o reformatório tem violência, abusos e perturbações, lá sofremos trabalhos pesados, agressões e comidas estragadas. Portanto, venho exigir que o Senhor tome medidas urgentes, segundo isto, espero que o Senhor Juiz procure soluções verdadeiras que possam nos ajudar.

Agradeço atentamente pela atenção.
Gabriely Sales de Alencar

4.4 Carta destinada ao Dr. Juiz de menores

A carta escrita pela estudante revela uma compreensão bastante consistente do gênero textual carta argumentativa de reclamação, conforme os pressupostos teóricos que o definem. O texto está bem estruturado, com os elementos tradicionais característicos da carta: local e a data no início “Salvador, 24 de março de 2025” (linha 1), usou um vocativo adequado para quem ela está escrevendo “Excelentíssimo senhor juiz de menores” (linha 2), apresentou quem está escrevendo, desenvolveu seu ponto de vista com argumentos, fez um apelo final e assinou.

Observa-se que a discente mantém um tom formal e respeitoso durante toda a carta, como é esperado nesse tipo de texto. Embora recorra a marcas de oralidade, o que se justifica em função da proposta de assumir a voz de um personagem da obra literária *Capitães da Areia*. A mensagem principal da carta está alinhada com os temas abordados na narrativa de Jorge Amado, destacando a exclusão de crianças e jovens que vivem nas ruas e a crítica às instituições que, em vez de ajudar, acabam os punindo.

Essa crítica está em concordância com a carta do livro, contudo a aluna aprofunda o tom acusatório, sugerindo que o juiz “deveria representar um sistema de justiça, não de punições inadequadas” (linha 7). Isso demonstra uma clara compreensão da função social das instituições e do desvio dessa função no contexto da época retratada.

Ademais, ela demonstra uma postura crítica e sensível, denunciando não só o abandono social que os personagens enfrentam, mas também as ações violentas nos reformatórios e o modo punitivo com que tratam esses menores, como se fossem criminosos perigosos. Essa forma de pensar mostra que ela fez uma leitura cuidadosa e crítica da obra, usando argumentos sólidos para defender seu ponto de vista.

Ao afirmar que “é tudo mentira” (linha 16), o que se diz sobre os reformatórios, desconstrói a imagem institucional de cuidado e educação, mostrando que, na realidade, os menores são vítimas de violência, abuso, maus-tratos e alimentação precária. Mesmo dialogando fortemente com a realidade apresentada no livro, há também uma tentativa da aluna de ampliar o olhar crítico para a realidade brasileira contemporânea.

A estudante destaca que diversas crianças em situação de rua não estão lá por opção, mas sim devido ao abandono por parte de suas famílias e à falta de apoio da sociedade. Ao expressar que “vivemos nas ruas porque não temos família nem apoio da sociedade” (linha 9),

ela demonstra uma percepção profunda da questão, visto que a infância excluída não aparece por conta própria, mas é resultado do descaso e da desigualdade social, um aspecto que o escritor Jorge Amado critica em sua obra.

Outro aspecto importante é o uso do apelo emocional tanto na carta do livro quanto na da discente, há uma tentativa de sensibilizar o leitor/destinatário, no caso, o juiz mostrando que aquelas crianças têm sentimentos, histórias e que não merecem ser julgadas como adultos, a própria recupera esse recurso ao destacar que são apenas crianças tentando sobreviver.

Sob a perspectiva linguística e discursiva, observa-se o uso funcional de operadores argumentativos como “portanto”, “por isso” e, “porém”, mesmo que haja certa redundância. O texto, em geral, está coerente, mas alguns parágrafos ainda apresentam espaço para melhorias em termos da diversidade de recursos coesivos e da estrutura sintática.

Apesar dos avanços percebidos, como a boa organização do texto e a postura crítica diante das injustiças sociais, nota-se que a aluna poderia ter explorado melhor os recursos de coesão ao longo da carta. Há uma certa repetição de conectores e uma limitação no uso de estratégias argumentativas mais variadas, o que acaba prejudicando a fluidez do texto. Além disso, seria interessante que ela apresentasse uma proposta de solução mais clara ou direta no final da carta, reforçando ainda mais o caráter propositivo do gênero.

Imagem 5: Carta destinada ao diretor do reformatório.

Salvador, 27 de março de 2025
 Ao diretor do Reformatório

Meu nome é Konolayne, e sou um dos capitães do
 crime, por meio desta carta quero expressar a minha
 indignação em relação ao que o diretor do Reformatório
 apresentou, pois a Realidade que Ele descreveu está distante
 da verdade, é insustentável que Ele continue a descrever
 esse lugar como um local de paz e trabalho, porém a
 Realidade que vivemos é muito diferente, nós, os capitães de
 crime, somos homens que merecem Respeito e ser ouvidos, e não
 tratados como delinquentes, A vida lá dentro do Reformatório
 é marcada pela violência e o Falta de oportunidade, o diretor
 que estamos incitando Revoltas, mas é só por dentro... Fica
 de... problemas que enfrentamos, muitos de nós não tem oportunidades
 Justas e dignas. A Repressão não é a solução como eles pensam.
 Eles só geram mais revoltas, e para mudar essa Realidade
 é muito importante que o diretor entenda que o caminho para transformação
 não passa pelo aprisionamento, por isso precisamos de apoio
 e compreensão, não de castigo. Portanto, pedimos ao Jornal
 que nos dê voz e ajude nós a mostrar a nossa Realidade, queremos
 ser vistos como homens com potencial e sonhos, e não como
 delinquentes, peça que esta mensagem chegue no diretor e no leitor do Jornal.

Assinado pelo...
 Konolayne Bezerra de Oliveira

Fonte: acervo das autoras (2025).

4.5 Análise da carta destinada ao diretor do reformatório

A segunda carta, escrita pela estudante, mostra um texto estruturado e que segue de forma clara a proposta da atividade. Desde o começo, ela demonstra que conhece bem a estrutura do gênero carta argumentativa, colocando o local e a data, "Salvador, 27 de março de 2025" (linha 1), além de usar um vocativo adequado, "Ao diretor do reformatório" (linha 2). O texto está bem dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão. A carta termina com um agradecimento e a assinatura da autora, o que reforça que ela fez uma produção formal e bem planejada.

Do ponto de vista temático, a carta mostra uma opinião bem clara e fundamentada sobre como são os reformatórios, indo de encontro ao discurso oficial. A discente começa seu texto demonstrando sua indignação com as declarações do diretor do reformatório, que, na opinião dela, pinta uma imagem idealizada de uma realidade que, na verdade, é marcada por violência, repressão e falta de oportunidades.

Essa crítica mostra que a estudante entendeu o contexto da obra literária, e o significado simbólico da carta como uma forma de denunciar e resistir. Quando ela destaca que a realidade dos menores é totalmente diferente daquela descrita pelo diretor, ela deixa claro que o papel social do seu texto é dar voz a uma verdade que muitas vezes é silenciada.

Ademais, a carta apresenta um ponto de vista bem articulado com resposta à carta do livro, é possível perceber que a estudante tenta mostrar o sofrimento de quem vive à margem, mas que continua lutando por respeito, por cuidado e por dignidade.

Ela destaca que os menores muitas vezes são vistos como criminosos, mesmo quando seu único objetivo é sobreviver e ser respeitados. Ao dizer que “a repressão não é a solução como eles pensam” (linha 15), a estudante faz uma crítica à forma como a sociedade e as instituições lidam com esses jovens, mostrando que a verdadeira mudança social acontece através do acolhimento, não da punição.

Reconhece que, como os personagens do livro, muitos jovens não têm acesso a direitos básicos, sendo tratados como delinquentes em vez de como sujeitos em processo de formação. Quando afirma que “somos jovens que merece respeito e ser ouvidos, e não tratados como

delinquentes” (linha 10). Assim, a aluna tenta dar voz a um grupo frequentemente ignorado ou estigmatizado, trazendo à tona uma realidade dura, mas necessária de ser ouvida.

Na carta, a própria defende a ideia de que os jovens precisam de espaço, acolhimento, compreensão e não de castigo. Escreve com convicção, propondo que os menores sejam vistos “como jovens com potencial e sonhos, e não como delinquentes” (linha 21). Além de salientar que muitos dos problemas enfrentados pelas crianças e jovens resultam da falta de oportunidades.

Sob a óptica linguística, a carta destaca-se com uma linguagem clara, mas traz traços de oralidade que soam naturais, como se fosse a própria personagem falando. Podemos perceber que a forma como ela se expressou deixou o texto mais vivo e real, como se estivéssemos ouvindo suas palavras de verdade.

Em relação aos operadores argumentativos, a carta da discente apresenta uma aplicação operacional e coerente desses recursos linguísticos. Mesmo que não haja uma grande variedade lexical, percebe-se a presença de conectores como “por isso”, “portanto” e “mas”, que auxiliam para a organização do texto e para a articulação das ideias ao longo dos parágrafos.

Embora a estudante demonstre que entende bem a estrutura do gênero e consiga argumentar com clareza, a carta poderia ter um maior aprofundamento na construção de contestações, o que tornaria o texto mais complexo e interessante. Além disso, há algumas ideias que se repetem durante o desenvolvimento, o que acaba prejudicando um pouco a fluidez do texto. A conclusão também poderia ser mais elaborada, trazendo um apelo ou uma sugestão concreta, o que ajudaria a fortalecer a mensagem final e a tornar a carta mais persuasiva.

Imagem 6: Segunda carta destinada ao Dr. juiz de menores.

Salvador, 27 de março de 2025

Do senhor juiz de menores

Meu nome é Jorge, sou um dos capitães da via, através desta carta quero expressar minha indignação, pois não tem que entender que nós praticamos o furto para poder sobreviver e buscar um meio de vida melhor, apesar de sermos crianças, pois não temos outro meio de sobreviver a não ser roubando, também não temos mãe nem pai, ou seja não temos um lugar específico pra morarmos, afim de sermos maltratados somos perseguido pela polícia. Eu entendo que a polícia tem um papel importante, mas, a maioria de nós vivemos nas ruas buscando uma forma de sobrevivência, também somos vistos como ladrões, mas somos apenas crianças que sonhamos em ter uma vida bem melhor do que estamos nas ruas. Precisamos de ajuda, pois essa não era a vida que queríamos ou seja, não escolhemos essa vida, e sim pelo motivo de passarmos necessidades. Bem, precisamos de ajuda.

Muito obrigado pela atenção
Ass: Francisco Jorge Silva Alves

4.6 Análise da segunda carta destinada ao juiz de menores

Na carta 3, destinada ao juiz de menores, o estudante fala sobre a maneira como a sociedade, incluindo as instituições, vê essas crianças. Ele explica que, mesmo sendo menores de idade e apenas tentando sobreviver, elas acabam sendo tratadas como criminosas, perseguidas pela polícia e rotuladas como ladrões. Ainda evidencia, por meio de sua carta, a dura realidade de exclusão social enfrentada por menores. Ao afirmar que “tem que entender que nós praticamos o furto para poder sobreviver” (linha 4) e que “pois não temos outro meio de sobreviver” (linha 6), acaba demonstrando que tais ações não derivam de uma índole criminosa, mas são resultado direto das condições precárias às quais esses jovens estão submetidos.

Além disso, ao declarar que “não temos pai e nem mãe” (linha 7) e “não temos um lugar específico para morar” (linha 8), ele aprofunda a denúncia ao destacar a falta de apoio familiar e institucional, bases fundamentais para o desenvolvimento e proteção de crianças e adolescentes que estão em situação de risco.

Ademais, o aluno admite a importância das instituições, afirmando: “Eu entendo que a polícia tem um papel importante” (linha 9), mas logo opõe essa visão com sua experiência em que são maltratados e perseguidos pela própria. Ele reconhece que a polícia tem uma função importante, mas denuncia a forma como eles tratam as crianças que vivem nas ruas, destacando que não é justo e nem adequado.

A carta é finalizada com um apelo direto: “Bom, precisamos de ajuda” (linha 16). Essa conclusão reforça a função apelativa do gênero textual no qual revela que o objetivo do texto vai além da exposição de uma problemática social. Ao contrário, há uma clara intenção de mobilizar o destinatário.

Em relação a estrutura, a carta escrita pelo discente fixa, de forma geral, os principais elementos que definem uma carta argumentativa de reclamação. Ela começa de maneira adequada, indicando o local e a data “Salvador, 27 de março de 2025” (linha 1). Depois, ele usa um vocativo apropriado “Ao senhor juiz de menores” (linha 2), ajudando a manter um tom respeitoso, que é importante ao falar com uma autoridade pública.

Na perspectiva linguística, a carta escrita pelo estudante apresenta uma linguagem bem acessível, porém coerente com os objetivos que foi proposto. Percebe-se que assim como na

carta 1 e 2, a carta 3 também há um pouco de presença de traços de oralidade ao longo do texto, destacando espontaneidade na escrita e contribui para estabelecer uma maior proximidade entre o enunciador e o leitor.

Além disso, nota-se o uso de operadores argumentativos como “pois”, “mas” e “ou seja”. Esses conectores contribuem mais para a fluidez da argumentação, reforçando a clareza e a ideia do que o discurso quer passar. O tom adotado ao longo da carta é respeitoso e objetivo, o que está de acordo com as características do gênero carta argumentativa de reclamação, bem como com a postura esperada diante da figura de autoridade a quem se destina a mensagem.

Por fim, a carta mostra uma boa compreensão do tema da obra, mas ainda tem espaço para melhorar na variedade de palavras usadas e na elaboração dos argumentos. O estudante tem uma boa percepção ao falar sobre questões sociais, mas em alguns momentos suas ideias ficam superficiais, sem se aprofundar muito. Os conectores estão usados de forma adequada, mas poderiam ser utilizados com mais frequência para evitar repetições. Além disso, uma organização mais clara entre os parágrafos ajudaria a deixar o texto mais coeso e a fortalecer a estrutura dos argumentos.

Diante da proposta de investigar como o ensino da carta argumentativa de reclamação pode favorecer a reflexão crítica entre os alunos, principalmente através da leitura da obra *Capitães da Areia*, as análises das produções escritas trouxeram resultados significativos, tanto sob o aspecto linguístico quanto no que se refere ao aprendizado.

As três cartas examinadas indicaram que os estudantes, em diversas etapas, conseguiram entender a composição do gênero em questão, utilizando elementos característicos da carta. Além da estrutura do texto, os alunos mostraram habilidades crescentes na capacidade de adotar uma postura crítica em relação às injustiças sociais, especialmente no tocante à exclusão de crianças e jovens. Ao inserir a perspectiva dos personagens da obra, demonstraram empatia, consciência social e um envolvimento com as questões retratadas, unindo a literatura à realidade que eles vivenciam.

A utilização da carta argumentativa de reclamação como ferramenta educativa se revelou eficaz ao proporcionar aos discentes a oportunidade de compreender o gênero, e aplicá-lo para pensar e manifestar opiniões sobre assuntos delicados, como a violência praticada pelas instituições, o abandono, o preconceito e a desigualdade. Os estudantes assumiram ao escreverem suas próprias cartas uma posição de autoria e protagonismo, articulando suas

percepções sobre a realidade descrita por Jorge Amado e, frequentemente, sobre situações que se aproximam de suas próprias experiências.

Entretanto, também foram percebidos alguns problemas. Em parte das produções, observou-se uma reduzida variedade de operadores argumentativos, além de uma certa repetição de ideias e de falta de profundidade em alguns argumentos. Questões como ortografia, coesão e revisão final não foram o foco principal da proposta, e por isso, embora presentes, não foram alvo de intervenção ou análise aprofundada neste estudo. Essa escolha metodológica deve-se ao fato de que o objetivo era, prioritariamente, o desenvolvimento da argumentação e da consciência crítica, e não a correção normativa.

Ainda assim, os resultados demonstraram que a metodologia da pesquisa-ação, juntamente com a sequência didática, foi capaz de criar um espaço significativo de aprendizagem. Os estudantes foram motivados a ler criticamente, escrever com intencionalidade e articular suas opiniões de maneira estruturada.

Dessa forma, conclui-se que os objetivos propostos foram, em grande medida, alcançados. A proposta contribuiu para a formação de leitores e escritores mais conscientes e críticos, mostrando que o trabalho com gêneros sociais em sala de aula, como a carta argumentativa de reclamação, pode se tornar também um instrumento formativo na construção de sujeitos mais reflexivos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central desenvolver uma proposta pedagógica baseada na obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, desenvolvendo-se através do ensino do gênero carta argumentativa de reclamação. Desde o início, partimos da hipótese de que a realização de uma sequência didática com base no gênero carta argumentativa de reclamação pode favorecer o desenvolvimento de habilidades de escrita e argumentação dos estudantes, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão crítica sobre as questões sociais retratadas na obra *Capitães da Areia* e na realidade, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e questionadores.

Retomando os apontamentos discutidos ao longo do trabalho, constata-se que os principais objetivos foram alcançados. Durante a intervenção, os alunos engajaram-se com a temática, apresentando progressos na escrita e sensibilidade diante da realidade social retratada na obra. Nesse cenário, as cartas produzidas demonstraram que houve significativa compreensão da estrutura do gênero e, mais importante, uma construção de sentido com base em experiências reais e relacionando-as com os personagens estudados. Como destacam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o uso de sequências didáticas possibilita o desenvolvimento progressivo de competências comunicativas e argumentativas, o que foi claramente evidenciado ao longo da aplicação da proposta.

Contudo, não deixamos de reconhecer os desafios enfrentados durante o percurso. O primeiro deles foi a limitação de tempo para o desenvolvimento completo da proposta, não que esse fator tenha impedido a execução, mas foi perceptível que havia muito mais a ser extraído. Ainda nesse contexto, a heterogeneidade da turma também se mostrou como um desafio a ser considerado: enquanto alguns alunos se mostraram bastante receptivos e evoluíram de forma fluída, outros encontraram mais dificuldade para compreender e aplicar os conceitos trabalhados, especialmente no que diz respeito à argumentação escrita.

Outro aspecto que impactou o processo foi a escassez de recursos na escola onde a proposta foi aplicada, a falta de materiais didáticos adequados, acesso limitado a equipamentos audiovisuais e à internet, além da carência de um ambiente estruturado para leitura, foram fatores que exigiram adaptações. Contata-se que essa realidade é coerente com o que afirma Duarte (1996) em seus estudos ao apontar as condições adversas do ambiente escolar brasileiro e seu impacto direto sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da prática docente.

No que se refere ao âmbito pessoal e formativo, a pesquisa também nos expôs a inseguranças. A construção da proposta, o contato com os alunos, a escolha de metodologias e suas aplicações, a aplicação das atividades, a gestão do tempo ao longo das aulas foram momentos de aprendizado e superação de obstáculos emergentes. Nesse sentido, Goldstein e Moritz (2009) destacam que a formação docente se fortalece na experiência, especialmente quando é pautada por práticas reflexivas e no diálogo com os estudantes.

Assim, conclui-se que a proposta cumpriu seu propósito pedagógico e formativo. A utilização da literatura como um meio frutífero para provocar reflexões sociais, desenvolver competências linguísticas e na prática da escrita, bem como ferramenta para aproximar os alunos de questões que dialogam com sua realidade se demonstrou exitosa. Como argumenta Antonio Candido (2006), ao destacar que a literatura, ao dar voz aos excluídos, atua como um instrumento de humanização e transformação social, o que se confirmou nesta experiência educativa.

Do mesmo modo, reafirma-se que o processo de formação docente passa necessariamente pela prática, pelo erro, pela orientação e supervisão, pela reflexão constante, por inúmeras reelaborações de estratégias e metodologias. As pesquisas de Dolz e Schneuwly (2004) reforçam que o papel do professor é o de um mediador ativo, o qual será capaz de ajustar as atividades às necessidades da turma, e assim promover aprendizagens significativas.

A experiência evidenciou que o fazer pedagógico vai além da teoria, demandando sensibilidade, adaptação, escuta ativa e disposição para aprender com as diversas realidades que emergem ao longo do processo. É mister reforçar que a experiência prática no ambiente escolar de todos os conceitos e teorias previamente aprendidos em sala de aula resulta em ganhos permanentes.

Os referidos ganhos são variados, e todos eles são indispensáveis para os futuros profissionais da docência, sendo eles: o amadurecimento, o desenvolvimento da consciência crítica, o aprofundamento da compreensão acerca da importância de uma educação comprometida com a transformação social e com o desenvolvimento humano, como já salientava Bosi (1977), ao destacar que a literatura e o ensino devem caminhar juntos na luta contra a exclusão e a desigualdade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. *Número de pessoas em situação de rua no Brasil passa de 335 mil*. Brasília, 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 36.

ARAÚJO DE FREITAS SILVA, A.; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; BARROS

ATAÍDES, F. Pesquisa-ação: princípios e fundamentos. *Revista Prisma*, v. 2, n. 1, p. 2-15, 25 dez. 2021.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de.; RIOS-REGISTO, Eliane Segati (Orgs.). *Experiências com sequências didáticas de gêneros textuais*. Campinas: Pontes, 2014.

BEZERRA, Paulo. Pós-fácio: Romance em tempo de utopia. In: DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Síntese de Indicadores Sociais 2023: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Mikaelle Barboza. *Sequências didáticas: orientações para iniciantes na pesquisa em educação matemática*. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2024.

COSTA, R. F.; DE JESUS INVENÇÃO, A. E. *O gênero textual carta argumentativa de reclamação: uma proposta de sequência didática para a EJA*. Entrepalavras, v. 13, n. 2, p. 130, 2023.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era modernista*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Martine; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. Tradução de Roxane Rojo e Gláucia Zocche. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DÓREA, Juraci. *Cartas de Eurico Alves: fragmentos da cena modernista*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Estudo analisa a violação dos direitos humanos na obra “Capitães da Areia”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/estudo-analisa-a-violacao-dos-direitos-humanos-na-obra-capitães-da-areia/>. Acesso em: 14 maio 2025.

FERRAZ, Aydano do Couto. Crítica a Capitães da Areia. *Revista Universidade*, Salvador, n. 2, 1938. Reproduzido em: ASTÚCIA DAS LETRAS. A denúncia social em Capitães da Areia, de Jorge Amado, 2016. Disponível em: <https://astuciadasletras.wordpress.com/2016/08/01/a-denuncia-social-em-capitães-da-areia-de-jorge-amado/>. Acesso em: 14 maio 2025.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. Sociedade em formação - Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres. In: GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *Caderno de leituras – A literatura de Jorge Amado* Orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trabalho de Crianças e Adolescentes 2023*. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

KOCHE, Vanilda Salton. *Ler, escrever e analisar a língua a partir de gêneros textuais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

LOPES, Edmundo Corrêa. *Crítica a Capitães da Areia*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-06.html>. Acesso em: 14 maio 2025.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais no ensino de língua. Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2009.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E COMBATE À FOME (MDS). *Cadastro Único – Relatório de Pessoas em Situação de Rua*. Brasília: MDS, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mds>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: introdução à problemática da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-06.html>. Acesso em: 14 maio 2025.

OLINTO, Antônio. *Crítica a Capitães da Areia*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA, 8., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <https://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno11-06.html>. Acesso em: 14 maio 2025.

PESSOA, Marlos de Barros. *Da carta a outros gêneros textuais*. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinan (Org.). *Para a história do português brasileiro: notícias de corpora e outros estudos*. v.4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ, 2002.

ROJO, Roxane. Sequência didática e o trabalho com gêneros orais e escritos. In: BRONCKART, J. P.; SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. A militância política na obra de Jorge Amado. In: GOLDSTEIN, Norma; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). *O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Caderno de Leituras).

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo, SP: Cortez, 2017.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. São Paulo: Difel, 2001.

SWARNAKAR, S.; FIGUEIREDO, E. L. L.; GERMANO, P. G. (Orgs.). *Nova leitura crítica de Jorge Amado* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 319 p. ISBN 978-85-7879-328-9. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 14 maio 2025.

TEIXEIRA, Regina. *O ensino do gênero textual carta nas aulas de língua materna*. Cadernos do CNLF (CiFEFiL), 2011.

TRIGO, Luciano. *A grande feira: literatura e mercado*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TRIPP, D. *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e pesquisa, São Paulo, v.31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ANEXOS

Imagem 1: Carta de apresentação das acadêmicas.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS LAGO DA PEDRA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

CARTA DE APRESENTAÇÃO

A diretora do Curso de **LETRAS**, Profª. Sabrina Monique Ribeiro Sousa, da **UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – CAMPUS DE LAGO DA PEDRA**, vem através desta, apresentar as acadêmicas ANITA LIMA DE MORAES e NAALANDA MARIA GONÇALVES COSTA, regularmente matriculados no referido curso, **para realizarem a aplicação da sequência didática: “O gênero carta e os meninos de Capitães da Areia (Jorge Amado)”** na turma do 9º ano, que consistirá na atividade prática de sua proposta pedagógica como Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, orientadas pela professora YNNARA SOARES REIS, nesta conceituada Instituição de Ensino, que se dará por meio de quatro etapas: 1. Apresentação da proposta de sequência didática; 2. Reconhecimento do gênero textual por de exemplos de cartas retiradas do livro “Capitães da Areia, de Jorge Amado; 3. Produção textual de cartas; 4. Exposição e leitura das cartas.

As acadêmicas declaram concordar com as normas internas da instituição, conduzir-se dentro da ética profissional, e submeter-se a acompanhamento e avaliação do seu desempenho e aproveitamento.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
SABRINA MONIQUE RIBEIRO SOUSA
Data: 22/03/2025 13:58:05-0300
Verifique em <https://validar.itu.gov.br>

Diretora do Curso de Letras – *Campus Lago da Pedra*

Ilmo.(a). Senhor(a). LUANY GOMES DE SOUSA

M.D. Diretor(a) da U.I. REI DAVI

Fonte: acervo das autoras. (2025)

Imagem 2: Foto com os estudantes.



Fonte: acervo das autoras. (2025)